

RELAÇÃO SUMÁRIA DAS COUSAS DO MARANHÃO

ESCRITA PELO CAPITÃO

Simão Estácio da Silveira

DIRIGIDA AOS POBRES DESTE REINO DE PORTUGAL

9ª Edição



Edições AML

DOCUMENTOS MARANHENSES-24

(COLEÇÃO DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS, PATROCINADA
POR ALUMAR E DIRIGIDA PELO ACADÊMICO JOMAR MORAES)

RELAÇÃO SUMÁRIA DAS COUSAS DO MARANHÃO

ESCRITA PELO CAPITÃO

Simão Estácio da Silveira

DIRIGIDA AOS POBRES DESTA REINO DE PORTUGAL

9ª Edição



APURAÇÃO TEXTUAL DE

JOMAR MORAES

Às notas de Cândido Mendes e de Jomar Moraes
pospõem-se as iniciais CM e JM, respectivamente.



EDIÇÕES AML

2013

Copyright © Academia Maranhense de Letras, 2013

Digitação e formatação
José de Ribamar Silva

Revisão
Jomar Moraes

Capa
Jomar Moraes

**2013, ANO DO
SESQUICENTENÁRIO DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE
E DO CENTENÁRIO DE ALUÍSIO AZEVEDO**



Catulo da Paixão Cearense
(S. Luís, 1863 - Rio de Janeiro, 1946)



Aluísio Azevedo
(S. Luís, 1857 - Buenos Aires, 1913)

Silveira, Simão Estácio da

Relação sumária das cousas do Maranhão - dirigida aos pobres deste Reino de Portugal / Simão Estácio da Silveira - São Luís: Edições AML, 2013.

86 p.

1. Maranhão - Colonização 2. Maranhão - Descrição e viagem. 3. Maranhão - História I. Moraes, Jomar. II. Título.

CDD 981.21

Sumário

INTRODUÇÃO - JOMAR MORAES.....	7
NOTA A ESTA REEDIÇÃO - JOMAR MORAES	19
SIMÃO ESTÁCIO, CAPITÃO DE NAVIO, PROCURADOR DAS COISAS DO MARANHÃO - DARCY DAMASCENO.....	21
FAC-SÍMILES DA EDIÇÃO PRINCEPS DA RELAÇÃO	29
TRANSCRIÇÕES DAS NOTAS À EDIÇÃO PRINCEPS	52
PRÓLOGO.....	53
LICENÇAS.....	55
COMEÇA A RELAÇÃO.....	57
DEMARCAÇÃO.....	57
PRIMEIROS DESCOBRIDORES	57
JORNADA EM QUE SE DESCOBRIU.....	58
ENTRADA NO MARANHÃO E BATALHA COM OS FRANCESES.....	58
SOCORROS E EXPUGNAÇÃO.....	59
PRIMEIRAS NOTÍCIAS DAS RIQUEZAS DO MARANHÃO.....	60
JORNADA DE GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO DE ORELLANA.....	61
DESCOBRIMENTO DE LUÍS DE MELO DA SILVA	61
OS FILHOS DE JOÃO DE BARROS NO MARANHÃO.....	62
FRANCESES NO MARANHÃO.....	63
DESCOBRIMENTO DO GRÃO-PARÁ, FAMOSO RIO DAS AMAZONAS	63
DESCRIÇÃO DO MARANHÃO, SUAS TERRAS E RIOS	64
ESTADO DAS COUSAS DO MARANHÃO.....	65
ADMINISTRAÇÃO DOS ÍNDIOS.....	65
COMODIDADES DO MARANHÃO.....	66
ARRUMAÇÃO DA COSTA DO MARANHÃO AO PARÁ.....	66
CONQUISTA DOS TUPINAMBÁS.....	67
ESTADO DO GRÃO-PARÁ	68
CONVENIÊNCIA DOS NAVIOS QUE VÃO DE ANGOLA A ÍNDIAS.....	68

SALUBRIDADE DO CÉU	69
PUREZA DAS ÁGUAS	69
FERTILIDADE DA TERRA	70
PÃO.....	71
VINHO	72
CARNE.....	74
AVES	78
PESCADOS	80
MARISCOS	82
LEGUMES E HORTALIÇAS	82
ÁRVORES E FRUTAS	84
DROGAS	85

Introdução*



Jomar Moraes

SIMÃO ESTÁCIO DA SILVEIRA,

de quem até hoje são desconhecidos pormenores biográficos, chegou ao Maranhão em 11 de abril de 1619. Trazia sob seu comando a nau capitânia da expedição de Jorge de Lemos Bitencourt, colonizador do Maranhão e Grão-Pará, e a cuja arrojada iniciativa devemos o primeiro grande incremento demográfico de São Luís.

Diz Estácio da Silveira que no navio por ele comandado vinham perto de trezentas pessoas, entre as quais muitas donzelas que logo aqui chegadas se casaram e tiveram vida próspera.

É, na verdade, circunstância muito considerável a introdução, nos primórdios de nossa vida colonial, de soma tão elevada de moradores, pois, como sabemos, São Luís, à época, possuía diminuta população, ocupada, sobretudo, na defesa contra invasões estrangeiras.

Tão substancial aumento da população levaria naturalmente a imediatas providências de organização urbana. Dentre as medidas mais importantes, cite-se a instalação da câmara, de que Estácio da Silveira foi feito juiz. Já em dezembro do mesmo ano de 1619, regressava ele a Lisboa, credenciado pela câmara como procurador da Conquista do Maranhão, cujos interesses se propunha defender.

*Na verdade, parecia haver clima para trabalhar em favor da colonização do Maranhão, conforme se verifica da carta régia de 4 de maio de 1617, que mandava destinar degredados à nova conquista, por ser "mui necessário povoá-la".** Registre-se também a expedição, a 7 de novembro de 1619, de alvará régio determinando fosse o governo do Maranhão separado do governo do Brasil.*

* Escrita para a 7ª edição desta obra. São Luís: UFMA/SIOGE, 1979, e republicada na 8ª edição. São Paulo: Editora Siciliano, 2001. Coleção Maranhão Sempre.

**SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *Do Brasil filipino ao Brasil de 1640*, p. 165. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. 263p.

Simão Estácio da Silveira lutou muito por ser empresário da colonização do Maranhão e do Grão-Pará. Nesse sentido, de Lisboa e de Madri dirigiu petições ao rei, ora propondo novo itinerário para a prata extraída do Peru, ora buscando arrendar a exploração do pau-brasil, pelo que oferecia pagamento em dinheiro e se comprometia a fundar povoações, desde que lhe fosse permitido introduzir colonos e gado nas novas terras. Do muito que pleiteou, nada obteve, porém.*

Mas os sonhos que ardentemente agitaram seu espírito de desbravador, levaram-no a escrever esta Relação entusiástica e laudatória, dirigida aos pobres de Portugal, cuja determinação de para aqui se transplantarem tanto fez por motivar.

O propósito de escrever uma história do Brasil, que três vezes declara no texto da Relação sumária das cousas do Maranhão, tudo indica não o tenha realizado. Mas é fora de qualquer dúvida que muitos portugueses terão decidido vir para o Maranhão graças à propaganda empenhada e calorosa de Simão Estácio da Silveira.

Manda a justiça tribute o Maranhão a essa importante figura de colonizador irrealizado na plenitude de seus projetos e ambições, o reconhecimento e as homenagens com que até hoje lhe tem faltado.

A TRAJETÓRIA EDITORIAL DESTES LIVROS

8

será traçada no breve registro que se faz a seguir, focalizando as seis edições que teve, desde o seu aparecimento em Lisboa, no ano já distante de 1624.

*No Maranhão e talvez no resto do Brasil, a edição mais conhecida e citada é a de Cândido Mendes de Almeida, que enriqueceu o livro de Simão Estácio da Silveira com 61 notas de grande utilidade, sobretudo para os leitores contemporâneos. Por essa razão realizou-se um cotejo entre a edição *princeps* e a de Cândido Mendes, tendo em vista restabelecer a fidelidade textual da obra, que na edição do incansável pesquisador maranhense andou bastante prejudicada.*

A 1ª edição, conforme folha de rosto que se reproduz, foi feita em Lisboa, no ano de 1624, por Geraldo da Vinha. Consta de 23 páginas não numeradas e tem formato 290 X 205 mm.

2ª edição, por Cândido Mendes de Almeida, in Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão, tomo II, p. 1-31. Rio de Janeiro: Nova Tipografia de J. Paulo Hildebrandt, 1874. LXXII+556+ VIIIp.

*Não obstante o reconhecimento a que faz jus esse benemérito historiógrafo maranhense, impõe-se, aqui, assinalar que essa edição está cheia de imperfeições, sendo, em muitas passagens, infiel à edição *princeps* (única aparecida em vida do autor), como se verá do cotejo*

* DAMASCENO, Darcy. *Anais*, cit., p. 99.

que fazemos ao final desta introdução. Nesse quadro comparativo, sempre vem em primeiro lugar o texto editado por Geraldo da Vinha, representado pelas iniciais GV. À edição de Cândido Mendes de Almeida, citada em segundo lugar, correspondem as iniciais CM. Note-se ainda que CM abre o livro com as Licenças, ao passo que GV as coloca depois do Prólogo. Também a edição original não dá número aos tópicos nem, nos limites deles, abre parágrafos.

3ª edição, promovida pelo barão de Studart, in *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XIX (1905), p. 124-54. Não traz o prólogo nem as licenças.

4ª edição: Lisboa: 1911. Edição limitada a 60 exemplares.*

5ª edição: Boston: Massachusetts Historical Society, 1929 (fac-similada).

6ª edição: in *Anais da Biblioteca Nacional*. vol. 94, 1974, entre as p. 104 e 105 (fac-símile da 1ª edição). Antecedida de nota Introdutória de Darcy Damasceno, intitulada "Simão Estácio, Capitão de Navio, e Procurador das Coisas do Maranhão", p. 97-103.

ESTA REEDIÇÃO

que o SIOGE promove em convênio com a Universidade Federal do Maranhão tem como texto de apoio o da 6ª edição, retrorreferida, ou seja – a edição fac-similar promovida pela Biblioteca Nacional. Embora não adotasse a numeração dos tópicos, estranha à 1ª edição, acolheu-se a paragrafação introduzida por Cândido Mendes, que muito facilita a leitura, assim como as 61 notas esclarecedoras de várias passagens do livro.

Desejamos juntar ao nome de Simão Estácio da Silveira o de seu ilustre contemporâneo frei Cristóvão de Lisboa, chegado ao Maranhão, na qualidade de Custódio, Visitador e Inquisidor Apostólico, no mesmo ano de 1624, em que a Relação sumária era impressa na metrópole natal do religioso. De sua famosa e até pouco tempo inédita História dos animais e árvores do Maranhão** (Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967), tomamos as ilustrações que embelezam e sobremodo valorizam a presente reedição.

Sendo, pois, fiel à 1ª edição, esta reedição diverge em muitos pontos da promovida por Cândido Mendes de Almeida. É o que a seguir se demonstrará:

* Não foi possível, com as fontes de consulta ora disponíveis, saber o correto nome do responsável pela 4ª edição, saída em Lisboa no ano de 1911. José Honório Rodrigues diz tratar-se de Eugênio de Castro (In *Índice anotado da Revista do Instituto do Ceará*; do tomo I ao LXVIII, p.324. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1969. 391p.), embora, sem retificar-se nem fazer qualquer observação, dê o mesmo editor como sendo Ernesto do Canto (ver *História da História do Brasil*, 1ª Parte; Historiografia Colonial, p. 82. São Paulo/Brasília: Companhia Editora Nacional/INL, 1979. XXII+534p.). Já Darcy Damasceno (*Anais*, cit., p. 103) informa ser Eugênio do Canto o nome desse editor português. Quanto à tiragem, a primeira fonte citada afirma ter sido de 50 exemplares, fixando-se em 60 exemplares as segunda e terceira fontes.

** Dessa obra há duas edições maranhenses, ambas publicadas na coleção Documentos Maranhenses, a saber: Rio de Janeiro: Alhambra, 1985; São Luís: Alumar, 1998. JM.

PRÓLOGO

GV, p. 1, 2ª linha: obrigações

CM, p. 4, 3ª linha: obrigação

GV, p. 1, 3ª linha: deixava o regalo de Lisboa

CM, p. 4, 3ª e 4ª linhas: deixava Lisboa

GV, p. 1, 6ª linha: casaram todas

CM, p. 4, 7ª linha: casaram-se todas

GV, p. 1, 11ª linha: levar agora de novo

CM, p. 4, 16ª linha: levar de novo

GV, p. 1, 15ª linha: que o impida

CM, p. 4, 21ª linha: que a impida

LICENÇAS

GV, p. 2: todas as datas: 624

CM, p. 3: todas as datas: 1624

DEMARCAÇÃO

GV, p. 3, 9ª e 10ª linhas: o locativo “Maranhão” não está grifado

CM, p. 5, 10ª e 11ª linhas: grifado o locativo “Maranhão”

PRIMEIROS DESCOBRIDORES

GV, p. 3, 4ª linha: e chegando até as cabeceiras

CM, p. 6, 1ª linha: e chegando as (sic) cabeceiras

GV, p. 3, 11ª linha: “Mel Redondo” não está grifado

CM, p. 6, 10ª linha: grifado “Mel Redondo”

GV, p. 3, 16ª linha: e para isso

CM, p. 6, 16ª linha: e para isto

JORNADA EM QUE SE DESCOBRIU

GV, p. 4, 7ª linha: num barco,

CM, p. 6, 8ª linha: em um barco,

GV, p. 4, 11ª e 12ª linhas: e para isso lhe deu

CM, p. 6, 13ª linha: que por isso lhe deu

ENTRADA NO MARANHÃO E BATALHA COM OS FRANCESES

GV, p. 4, 1ª linha: Jerônimo de Albuquerque, se ajuntou

CM, p. 7, 1ª linha: Jerônimo de Albuquerque, que se ajuntou

GV, p. 5, 1ª e 2ª linhas: menos de trezentos homens

CM, p. 7, 17ª linha: mais de trezentos homens

SOCORROS E EXPUGNAÇÃO

GV, p. 5, 1ª linha: alguns socorros de mantimentos

CM, p. 8, 1ª linha: alguns socorros de mantimento

GV, p. 5, 1ª a 4ª linhas: de Pernambuco, e deste Reino foi com o capitão Miguel de Siqueira Sanhudo, e da Bahia com o capitão Francisco Caldeira de Castello Branco,

CM, p. 8, 2ª e 3ª linhas: de Pernambuco e da Bahia, com o capitão Francisco Caldeira de Castello Branco,

GV, p. 5, 5ª linha: pazes com o francês,

CM, p. 8, 5ª linha: pazes com os franceses.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DAS RIQUEZAS DO MARANHÃO

GV, p. 5, 1ª e 2ª linhas: e já em tempo

CM, p. 8, 1ª e 2ª linhas: e já em tempos

GV, p. 6, 1ª e 2ª linhas: muito cabedal neste Reino por descobrir

CM, p. 8, 3ª e 4ª linhas: muito cabedal por descobrir

GV, p. 6, 2ª e 3ª linhas: Porque num tratado

CM, p. 8, 4ª e 5ª linhas: Porque no tratado

GV, p. 6, 7ª linha: onde encontrando

CM, p. 9, 3ª e 4ª linhas: onde encontrando-se

GV, p. 6, 8ª linha: e sendo mais poderosos,

CM, p. 9, 5ª linha: e sendo mais poderosa

GV, p. 6, 9ª e 10ª linhas: e dos conflitos da guerra

CM, p. 9, 6ª e 7ª linhas: e conflito da guerra

GV, p. 6, 30ª linha: ao que este Autor discorre

CM, p. 9, 31ª linha: ao que Autor discorre

JORNADA DE GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO DE ORELLANA

(*CM: APENAS Francisco Orellana, no titulo, embora, no texto, apareça: Francisco de Orellana*)

12

GV, p. 7, 1ª linha: informações semelhantes, se moveu também

CM, p. 9, 1ª linha: informações, se moveu também

GV, p. 7, 8ª linha: meteu a bagagem,

CM, p. 10, 8ª linha: meteu as bagagens,

GV, p. 7, 12ª linha: tanto das grandezas, e muitas riquezas desta terra,

CM, p. 10, 12ª e 13ª linhas: tanto das riquezas desta terra,

DESCOBRIMENTO DE LUÍS DE MELO DA SILVA

GV, p. 7, 13ª e 14ª linhas: e com grande ânimo de tomar

CM, p. 10, 15ª linha: e com ânimo de tomar

OS FILHOS DE JOÃO DE BARROS NO MARANHÃO

GV, p. 8, 14ª linha: pão de milho zaburro

CM, p. 11, 16ª linha: pão de zaburro

GV, p. 8,13ª linha: diferente do outro gentio

CM, p. 11,15ª linha: diferente do gentio

GV, p. 8,15ª linha: nem de arco e frechas,

CM, p. 11,17ª linha: nem de arcos e frechas,

FRANCESES NO MARANHÃO

GV, p. 9,6ª linha: suas matalotagens

CM, p. 12,13ª linha: sua matalotagem

GV, p. 9, 8ª linha: Carlos de Vohus

CM, p. 12,15ª linha: Carlos Vohus

GV, p. 9,6ª linha: que se chama urucu,

CM, p. 12,13ª linha: a que chamam urucu,

GV, p. 9,7ª e 8ª linhas: 610 (por extenso)

CM, v. 12,15ª linha: 1610

GV, p. 9,10ª e 11ª linhas: e com os muitos gabos

CM, p. 12,18ª linha: e com muitos gabos

GV, p. 9,16ª linha: e parentes se vieram

CM, p. 12, 24ª e 25ª linhas: e parentes, vieram

GV, p. 9, 18ª linha: de São Francisco (religiosos de grande virtude) que começaram

CM, p. 12, 26ª linha: de São Francisco que começavam

DESCOBRIMENTO DO GRÃO-PARÁ, FAMOSO RIO DAS AMAZONAS

GV, p. 9,2ª e 3ª linhas: Rio das Amazonas. Mandou

CM, p. 13, 3ª linha: rio das Amazonas, mandou

GV, p. 9,8ª linha: encarecendo muito, maravilhas

CM, p. 13, 9ª e 10ª linhas: encarecendo muito, as maravilhas

GV, 9,12ª linha: o Peru. Ao qual

CM, p. 13, linha: o Peru, ao qual

GV, p. 9,16ª linha: na frota a Espanha

CM, p. 13, 19ª linha: na frota à Espanha

DESCRIÇÃO DO MARANHÃO, SUAS TURRAS E RIOS

GV, p. 10, 7ª linha: Guaiavas,

CM, p. 13, 8ª linha: *Goiavas,*

GV, p. 10: ESTADO DAS COUSAS DO MARANHÃO

CM, p. 14: *ESTADO DAS COUSAS NO MARANHÃO*

ADMINISTRAÇÃO DOS ÍNDIOS

GV, p. 11,17ª linha: aos que as ganharam

CM, p. 15, 20ª linha: *aos que as ganham*

ARRUMAÇÃO DA COSTA DO MARANHÃO AO PARÁ

GV, p. 12,7ª linha: ornada

CM, p. 16, 8ª linha: *ornadas*

GV, p. 12,10ª linha: ao Pará. Até que

CM, p. 16,13ª linha: *ao Pará, até que*

GV, p. 12, 1 Iª linha: ano de 618 (por extenso)

CM, p. 16,13ª linha: *ano de 1618*

GV, p. 12,22ª linha: e Pero Teixeira,

CM, p. 17, 2ª linha: *e Pedro Teixeira,*

ESTADO DO GRÃO-PARÁ

GV, p. 13,8ª linha: de poder

CM, p. 18, 9ª linha: *do poder*

GV, p. 14: **CONVENIÊNCIA DOS NAVIOS QUE VÃO DE ANGOLA A ÍNDIAS**

CM, p. 18: *CONVENIÊNCIAS DOS NAVIOS QUE VÃO DE ANGOLA A ÍNDIAS*

PUREZA DAS ÁGUAS

GV, p. 15, 2^a linha: **sua frescura. Porque como o sol,**

CM, p. 20, 2^a linha: *sua frescura, porque como o sol,*

FERTILIDADE DA TERRA

GV, p. 15, 6^a e 7^a linhas: **que pela maior parte são de dez,**

CM, p. 20, 7^a e 8^a linhas: *que pela maior são de dez,*

GV, p. 15, 7^a linha: **E além de ser toda**

CM, p. 20, 9^a linha: *E além ser toda*

PÃO

GV, p. 17, 4^a linha: **principalmente em sobejar**

CM, p. 22, 28^a e 29^a linhas: *principalmente sobejar*

GV, p. 17, 5^a linha: **(donde eles a carregam para fora).**

CM, p. 22, 29^a linha: *donde eles a carregam para fora*

GV, p. 17, 12^a linha: **caso de nenhum deles**

CM, p. 22, 38^a linha: *caso nenhum deles*

VINHO

GV, p. 17, 2^a linha: **de confessar,** (nesta edição, por lapso de revisão, há um *de a mais*, o que teria levado CM a grafar *decontestar* por *contestar*. Note-se, porém, que assim está: *deconfessar*. Eliminando-se o *de*, evidente erro de revisão, teremos *confessar*)

CM, p. 23, 2^a e 3^a linhas: *de decontestar,*

GV, p. 17,20^a linha: sempre dando, e sempre florescendo,

CM, p. 23, 26^a linha: *sempre dando, e florescendo,*

GV, p. 17,23^a linha: (... e árvores ...)

CM, p. 23, 30^a linha: *(... e arvoedos...)*

CARNE

GV, p. 19,10^a linha: dum cavalo

CM, p. 25, 25^a linha: *de um cavalo*

GV, p. 19,15^a linha: extremadas,

CM, p. 25, 32^a linha: *estimadas,*

PESCADOS

GV, p. 20,3^a linha: que mais o parece que peixe,

CM, p. 26, 3^a e 4^a linhas: *que mais parece que não é peixe:*

GV, p. 20,19^a linha: Há muitos erubins,

CM, p. 27, 20^a linha: *Há erubins,*

GV, p. 20,21^a linha: Há pescadas

CM, p. 27, 24^a linha: *Há pescados*

GV, p. 20,23^a linha: douradas,

CM, p. 27, 23^a linha: *dourados,*

MARISCOS

GV, p. 21, 3^a linha: em que se acham muitas pérolas

CM, p. 28, 5^a linha: *em que se acham pérolas*

LEGUMES E HORTALIÇAS

GV, p. 21,15^a linha: que dizer que

CM, p. 28, 21^a linha: *senão dizer que*

GV, p. 21, 6ª linha: a modo mandioca

CM, p. 28, 8ª linha: a modo de mandioca,

GV, p. 21, 14ª linha: cada lua colhem

CM, p. 28, 19ª linha: em cada lua colhem

ÁRVORES E FRUTAS

GV, p. 22, 17ª linha: e tão bastas,

CM, p. 28, 37ª linha: e tão vastos,

GV, p. 22, 22ª linha: com caroços e com pevides,

CM, p. 30, 4ª linha: com caroços e pevides,

GV, p. 22, 29ª linha: pau da rosa,

CM, p. 30, 13ª linha: pau de rosa,

DROGAS

GV, p. 23, 3ª linha: as mostras

CM, p. 31, 6ª linha: as amostras

GV, p. 23, 33ª e 34ª linhas: por primeiro Governador, a Francisco..

CM, p. 31, 30ª e 31ª linhas: por primeiro Governador, Francisco...

Como se viu, o texto editado sob a responsabilidade e por iniciativa de Cândido Mendes de Almeida, dissente, em diversos pontos, da edição de Geraldo da Vinha, realizada sob as vistas do autor.

Não quer isto dizer, porém, esteja a 1ª edição isenta de erros, sobretudo de revisão, que em muitas passagens são evidentes. Muitas correções oportunamente feitas por Cândido Mendes foram, como facilmente se verificará, incorporadas ao texto da presente reedição. Acreditamos tenham sido escoimados os erros e acolhidas as correções.

É, como se disse e não seria ocioso repetir, com o só propósito de restabelecer o texto original, em sua inteireza, que fica acima o cotejo das divergências entre a edição princeps, a mais autorizada (pois que a única promovida pelo autor), e a edição de Cândido Mendes, a mais conhecida e citada.

FINALMENTE,

algumas palavras acerca do exemplar utilizado pela Divisão de Publicações e Divulgação da Biblioteca Nacional para a edição fac-similar em que se apoiou esta reedição. O que nele, sem dúvida, mais se apresenta como digno de menção é a série de notas manuscritas apostas nas margens, por alguém que, não incendiado do entusiasmo de Estácio da Silveira, leu seu livro por volta de 1630, segundo aventa Darcy Damasceno.

Às calorosas afirmações sobre a fertilidade, beleza e demais "comodidades" da terra, esse curioso e desconhecido leitor fez diversas restrições e registrou desmentidos, como, por exemplo, no tópico intitulado "Conquista dos Tupinambás", em que Estácio da Silveira escreve: "E neste sítio se diz que há minas de prata de importância", expressão que o leitor sublinha para, na margem, simplesmente afirmar: "não há nada". E assim prossegue, rebatendo e contradizendo Estácio da Silveira, numa anotação severa e talvez um tanto preconceituosa a respeito da terra e de seus naturais, de quem diz que "são fracos e morrem depressa", contrariando, assim, o que afirmara o autor da Relação, no tópico "Drogas": "Eu me resolvo, que esta é a melhor terra do inundo, donde os naturais são muito fortes, e vivem muitos anos".

Ao coração maranhense muito gratos sempre haverão de ser o entusiasmo e a simpatia de Simão Estácio da Silveira, expressos nas palavras seguintes: "... e consta-nos que do que correram os portugueses, o melhor é o Brasil, e o Maranhão é Brasil melhor..."

Nota a Esta Reedição

Trinta e quatro anos são passados do aparecimento da 7ª edição deste livro, a qual veio a ser a 1ª edição maranhense (São Luís: Universidade Federal do Maranhão/Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado, 1979). Seguiram-se a ela a 8ª edição (2ª maranhense) São Paulo: Editora Siciliano, 2001, integrada à coleção Maranhão Sempre, do Governo do Estado, e a presente 9ª edição, que vem à luz como volume 24 da coleção Documentos Maranhenses, mantida pela Academia Maranhense de Letras, até aqui dirigida por mim, sem ônus algum para quem quer que seja, e patrocinada pelo Consórcio de Alumínio do Maranhão-ALUMAR, tão somente no que respeita aos custos de confecção gráfica.

Esta reedição, cujo formato a bem dizer repete o da edição *princeps*, aqui integralmente reproduzida dos fac-símiles publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional* (volume 94, 1976, entre as páginas 104 e 105), é, por essa e por outras peculiaridades, uma edição diferenciada das demais.

O texto ora apurado é mais fidedigno que o das 7ª e 8ª edições, igualmente saídas aos meus cuidados. É que, desta vez, tive mais empenho na confrontação do texto atualizado com o da edição *princeps*, fato que me levou manter certas formas toponímicas, como testemunho de seus usos em princípios do século XVII no Maranhão. Casos, para apenas citar uns poucos, de rios *Monim*, *Itapicoru*, *Arassoagi* e *Pinaré*; de *Cumã*, de *Pernambuco*, maiormente citado como *Parnambuco*. Avento ser descuido de revisão o *Fulgueiras* do antropônimo que seria *Manuel Filgueiras de Mendonça*, por sinal referido como *vigairo*, palavra que, andando o tempo teve sua forma fixada em *vigário*, por efeito de metátese, transposição da qual remanesce, como *sequela* mórfica, a palavra *vigairaria*. Igualmente por força de metátese, o verbo *trocer*, que uma vez ocorre no texto original.

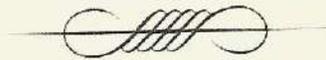
Importa consignar que o texto da edição original ministra numerosas lições da natureza das exemplificadas. Uma delas é *Pirú/pirú*, formas usadas tanto para topônimo quanto para ave.

Além do texto introdutório do poeta e pesquisador Darcy Damasceno, que pela primeira vez figura neste livro, continuam a enriquecê-lo as preciosas ilustrações reproduzidas do livro *História dos animais e árvores do Maranhão*, de frei Cristóvão de Lisboa (vide segunda nota da página 9), a contar da 1ª edição maranhense, já referida.

São Luís, Jardim Renascença, agosto de 2013.

Jomar Moraes

Simão Estácio, Capitão de Navio, Procurador das Coisas do Maranhão*



Darcy Damasceno

Das circunstâncias pessoais de Simão Estácio da Sylveira, autor da *Relação sumária das cousas do Maranhão*, disse Inocêncio nada se saber além de que “militara na América, no tempo do domínio espanhol”. De então para cá, repete-se tal afirmação, apesar de haver decorrido mais de um século desde a publicação do tomo 7º do *Diccionario bibliographico portuguez*.¹

Rodolfo Garcia, divulgando um escrito de Simão Estácio,² criticava a desatualização de conhecimentos quan-



* Trabalho originalmente publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 97-105. 1974. Rio de Janeiro: 1976. Darcy Damasceno, poeta, integrante da Geração de 45, nasceu em Niterói no ano de 1922 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1988. JM.

1 Mais recentemente, HORCH, Rosemarie, “Brasiliana da coleção Barbosa Machado”, in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 83 (1963), 1967, p. 37 e “Catálogo de folhetos da coleção Barbosa Machado”, I, ibidem, vol. 92, [I] (1972), 1974, p. 199.

2 “Petição de Symão Estácio da Sylveira. Mss. do Museo Britannico, de Londres”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 83 (1918), 1919, ps. 91-99. O documento encontra-se no códice 13.977, *Papeles varios de Índias*, fls. 485 e 486. Houve um estranho lapso de Garcia ao se referir à petição, pois cita o registro que dela fizera Oliveira Lima (*Relação dos manuscriptos portugueses e estrangeiros, de interesse para o Brazil, existentes no Museu Britannico de Londres*, Rio de Janeiro, 1903, p. 48), mas supõe-na um manuscrito original, quando Oliveira Lima a dá por impresso de duas folhas. Anterior à cópia do Instituto é uma da Biblioteca Nacional, na qual Rodolfo R. Schuller, autor de ambas, anotou o pormenor: “Impresso, único exemplar conhecido, in-4.º – II ff. inn.” Como noutra nota Schuller se refere ao registro da petição na *Relação dos manuscriptos...* é possível que Garcia se tenha dispensado de certifi-cá-lo. Ainda assim, só se explicará o lapso no caso de que a primeira nota não haja passado à cópia do Instituto.

to à vida do capitão, quando já em 1903 o barão de Studart apresentara as primeiras achegas ao assunto.³

Na verdade, é com Studart que se conhecem dados concretos a respeito da vinda de Simão Estácio ao Brasil; em seguida, a Biblioteca Nacional divulga em seus *Anais* uma peça manuscrita,⁴ em cuja importância parece não atentou nem o próprio Garcia, que apenas de passagem a menciona. A par dos elementos biográficos, surgem outros que aumentam o número dos escritos de Simão Estácio, embora alguns desses escritos não se conheçam textualmente.

Os dados que revela Studart são encontrados numa carta de Jorge de Lemos de Betancor, colonizador do Maranhão e do Grão-Pará, e noutra da Câmara de São Luís, ambas dirigidas a El-Rei. Pela primeira, sabemos que Simão Estácio chegou ao Brasil em 11 de abril de 1619, comandando a nau capitânia da expedição Betancor.⁵ Era homem da confiança do empresário, a quem esse, aprontando-se para passar logo ao Pará, pretendia entregar o cuidado dos colonos recém-chegados "por ser pessoa de que tenho muita satisfação para emparar a gente e agazalhar os que se esperão e dar as minhas hordens que lhes deixo aos Capitães dos navios e se partam a busquarme deixando aqui a terça parte de todos." Pela segunda carta,⁶ sabe-se que, tão logo desembarcados os colonos, assentou-se a criação da câmara, saindo por eleitores quatro pessoas das de Betancor e dois conquistadores da terra, o sargento-mor Afonso Gonçalves e o capitão Bento Maciel Parente; os seis escolheram a Simão Estácio da Silveira para juiz, juntamente com Jorge da Costa Machado. A câmara, que não obtivera resposta à carta em que anunciava sua criação, voltava à presença de El-Rei, incumbindo ao capitão Simão Estácio de que pessoalmente pleiteasse despacho e resolução das coisas de que dava conta, e pedia fosse Sua Majestade servido "mandallo ouvir e favorecer a cerqua dos negócios desta conquista e seus particulares porque se ofereceo per isto cõ bom animo." Pela mesma ocasião, escreve ao Reino o capitão-mor daquela conquista. Diogo da Costa Machado, pedindo que sobre quanto expunha se mandasse ouvir o mesmo capitão, "que como pessoa de vista poderá informar mais largamente ao qual dey poder e a câmara pera acistir aos negócios desta conquista por não haver tido reposta de outras que escrevy antes desta".⁷

3 FARIA, Manuel Severim de, *Historia portuguesa e de outras províncias do occidente desde o anno de 1610 até o de 1640... escrita em trinta e huma relações por... chantre da Sé de Évora* [Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa A.6.27, copiado na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1ª vez publicado e anotado pelo barão de Studart, com um apêndice de 44 documentos inéditos, pertencentes à Col. Studart.. Fortaleza: 1903.

4 *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 26 (1904), 1905, p. 361-366.

5 Carta de 6 de maio de 1619. Cf. n. 3, obr. cit., apêndice n.º 25, p. 168-74.

6 Carta de 9 de dezembro de 1619. Cf. n. 3, obr. cit., apêndice n.º 30, p. 188-196.

7 Carta de 10 de dezembro de 1619, Cf. n. 3, obr. cit., apêndice n.º 31, p. 196-203.

Assim, chegado ao Maranhão em abril de 1619, como comandante de navio, já em dezembro, certamente, estaria Simão Estácio voltando a Lisboa como procurador das coisas do Maranhão e de seus negócios particulares. Nessa condição,⁸ assina a petição que Rodolfo R. Schuller copiou em Londres e Rodolfo Garcia publicou.⁹ Trata-se de um documento datado de Madri a 15 de junho de 1626, no qual se oferecia para abrir um novo caminho *por vno de los rios de Marañon, por donde con seguro, y en quatro meses se vêga a España desde el Pirú a prata lá extraída, abandonando-se a rota do Panamá*. Pelo documento se vê que, embora firmando-se com o título que lhe outorgara sete anos antes a Câmara do Maranhão, Simão Estácio tratava de interesses particulares: a troco de tal serviço, pretendia entre outras coisas o arrendamento do pau-brasil e que, como fiança prevista em regimento, mandasse El-Rei aceitar-se o que lhe devia a Real Fazenda. Vê-se também que o posto de capitão (de uso generalizado, aliás) lhe adviria não da militância em terra, como se há de crer a partir de Barbosa Machado e Inocêncio, mas do trato naval: *plático en las cosas del mar*, se diz ele, *que tẽgo mucha noticia de las del Marañon, como parece de mi relacion que he impresso*.¹⁰

Pelo arrendamento do negócio do pau-brasil oferecia 24 contos de réis, que seriam consignados à empresa de comunicação interiorana Peru-Grão Pará, sob as seguintes condições, entre outras: levantamento de 500 homens, armados e pagos por ele, destinados a desalojarem os holandeses do Cabo do Norte; fundação de uma cidade no dito lugar, onde introduziria 100 casais (500 almas) e 100 cabeças de gado; construção de um forte *al uso de la tierra* (isto é, de *taipa de pilão*); introdução, na dita conquista, de 200 novas pessoas a cada ano do contrato e levantamento de duas novas povoações rio acima, com 30 homens armados cada qual. Para tanto, pleiteava que se lhe concedesse o poder de levantar gente nos Açores; provisões e privilégios e cartas para governadores, capitães-mores e justiças das referidas ilhas, *como se hizo en favor de Jorge de Lemos de Betancour*. Aspirava assim, Simão Estácio, a seguir o caminho de seu antigo empresário – de resto, o caminho de todos os colonizadores –, enfeixando nas mãos o poder de coerção e de justiça, inclusive morte cível e privação de ofícios.

Entretanto, mais rico de dados pessoais que os precedentes, é o documento, mais antigo que a petição, intitulado “Intentos da Jornada do Pará”, que a Biblioteca Nacional inseriu no vol. 26 de seus *Anais*.¹¹ Nem a introdução ao volume se refere

8 *Conquistador, y Procurador de aquel Estado [del Marañon]* é como igualmente se firma Bento Maciel Parente, num memorial sem data sobre a encomenda e catequização dos índios. (Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, códice I, 2, 35 n.º 10).

9 Cf. n. 2.

10 Refere-se à *Relação sumária das cousas do Maranhão*, em cujo prólogo, aliás, menciona essa condição: “Na nau de que fui por Capitão se embarcarão perto de trezentas pessoas”.

11 Ms. da Biblioteca Nacional de Madri. Cf. n. 4.

ao escrito nem o índice lhe consigna autoria; apenas pela assinatura ao final se fica sabendo da relação entre o manuscrito e Simão Estácio.

Datado em Lisboa a 21 de setembro de 1618, depreende-se logo que o documento tem a ver com a empresa de Jorge de Lemos de Betancor, a quem procurava instruir sobre as coisas do Maranhão, ao mesmo tempo que revelava compromissos de ordem prática assumidos pelo comandante, como escolha de sítio para povoação, assistência técnica aos colonos, estímulo da agricultura etc. O capitão mostrava conhecimentos de engenharia e familiaridade com as Ordenações ao cuidar da fundação do novo sítio: “que seia inclinado ao nascente et ao norte à beira do Rio com bom surgidouro a vista da serra que seja defensavel laurado dos ventos”; “situação das ruas ao Norte de boa largura com suas praças nobres, fabricas, architectura e fortificação de tudo pera comodidade fortaleza e nobresa da cidade.” Propunha-se orientar na “resguarda da agricultura”, isso “per que ha muitos annos que sou professor da agricultura ajudando a meu pay na [sic] que escrevia”, e ensinar a descobrir minas, fundir metais, fabricar salitre e pólvora. Não lhe faltava pendor para o desenho, já que se determinava “observar as islhas, as prayas, e o gentio descreuendo tudo, e dibuxando como sey fazer.”

Uma passagem destes “Intentos” (1618) mostra que era antiga a ideia da ligação Lima-Pará, que encurtaria a viagem da prata para a Espanha, como vimos pela petição de 1626. Reduzido o gentio, contava Simão Estácio abrir pelo Rio Maranhão “na grande porta as riquezas do Peru por onde deção a Espanha sem os grandes trabalhos e imensas despezas com que se acarretao ao mar do sud e de lima por mar a Portobello, e dahi per terra a Habana e mar do Norte donde vem nas frotas de noua Espanha”.¹² Tais intentos, pensava consegui-los à sombra de Betancor, embora reconhecesse ser grande o cabedal necessário à empresa. A exposição termina pela súplica de lhe poder dirigir “por premisia de meus trabalhos” um tratado que escrevia “deste descobrimento que la espero acabar”.¹³

12 Também na *Relação sumária* se toca no assunto: “Ao qual [Peru] Sua Magestade pode mãdar abrir hua porta por este Rio [das Amazonas] por donde cõ grãde comodidade, e brevidade, venhão as riquezas delle a Espanha, ...” (fol. A4 v.).

13 Seria provavelmente uma história segundo o modelo do padre Joseph de Acosta, que é citado com precisão em três passos da *Relação sumária*: a fls. 8 r. sobre a pureza das águas; no mesmo lugar, sobre a fertilidade da terra e a fls. 11 sobre a aclimação de oliveiras, pessegueiros e amoreiras. O tratado “que ia escreuendo” em 1618 deve ser a mesma *História do Brasil* a que alude três vezes na *Relação sumária*: a 1.ª, ao tratar de feitos heroicos durante o assédio dos Tupinambá ao Pará: [n] “a historia do Brazil, que entendo em escrever” (fls. A6 v.); a 2.ª, ao referir a quantidade de animais existentes no país, “de q’ espero fazer larga relação na historia do Brazil” (fls. 10 r.) e a 3.ª, ao tratar das aves, “de q’ largamente diremos na historia” (fls. 10 v.).

Dos elementos biográficos levantados se depreende ter Simão Estácio da Silveira várias qualificações: professor de agricultura, capitão de navio, cronista, desbravador... A primeira delas, amplia-se pelo conhecimento da mineração e se completa pelo do desenho; a segunda, ambígua, de certo modo, se tomada no sentido geral, precisa-se, no caso de Simão Estácio, pelas reiterações quanto à experiência da vida naval: conhecimento da costa norte do Brasil, familiarização com a hidrografia amazônica, informação quanto a possibilidades de fixação agrícola rio-acima etc. Da vocação de cronista, parece ter ficado apenas, em lugar de um *tratado* ou de uma *história* do novo descobrimento, a *Relação sumária das cousas do Maranhão*. Quanto ao atributo de desbravador, mais de um indício nos leva a crer que estivesse antes em propósitos que em realizações: as promessas feitas a Jorge de Lemos de Betancor, nos "Intentos", beiravam a fantasia e faziam da terra a imagem do paraíso, onde tudo seriam facilidades, se posto sob seus cuidados; grandioso, mas inexequivel, era o projeto de desbravamento e colonização da rota fluvial do Pará, pela qual haveria de descer a prata do Potosí. Os simples números com que joga, na previsão do estabelecimento de núcleos populacionais, evidenciam o irrealismo de Simão Estácio, pois sabemos que os levantamentos que se faziam para outros sítios, a evasão de soldados não pagos, a falta de provisões e ferramentas combinavam-se na constante rarefação populacional.

A esse irrealismo se deve que a petição de 1626 não tenha provavelmente recebido despacho satisfatório. Entretanto, o que pretendeu Simão Estácio alcançou, de certo modo, Bento Maciel Parente, ex-capitão-mor do Pará, este sim, desbravador e homem de pés plantados na terra. Por uma cédula real daquele mesmo ano, era Parente despachado para "conquistar el gran Rio de las Amazonas, y echar de alli à los enemigos", conforme se oferecera. Para tanto, se lhe assegurava gente, armas e munições com que pudesse povoar a terra, administrar o gentio e "buscar a los Olandeses adonde se supiere que estan". Simão Estácio pensava no transporte da prata distante; Bento Maciel Parente, na encomenda dos índios próximos.. .

Com os elementos de que agora dispomos, poderíamos enumerar desta forma os escritos de Simão Estácio:

1. "Intentos da jornada do Pará". Lisboa, 21 de setembro de 1618. Manuscrito da Biblioteca Nacional de Madri. Feitos como subsídio à expedição de Jorge de Lemos de Betancor para colonização do Maranhão e do Grão-Pará.¹⁴

2. Um tratado do descobrimento do Grão-Pará, a que se refere em 1. Dele diz que o "ia escrevendo". Embora não cite o nome da capitania, pode-se deduzir que a

¹⁴ Cf. n. 4.

essa se referisse, considerado o destino da expedição. Pode-se também pensar que o tratado viesse a resultar ou apenas na *Relação sumária* ou em obra de maior vulto, que aí se promete. Texto desconhecido.

3. *Relação sumária das cousas do Maranhão*. Impresso de 12 fls., de 1624. É muito provável que a obra, escrita num tom excessivamente laudatório, se relacionasse com as pretensões que Simão Estácio lançou na petição de 5.

4. Um papel a que se refere em 5, sobre o transporte entre as Ilhas (as Terceiras, provavelmente) e o continente espanhol.¹⁵ Texto desconhecido.

5. Petição feita em Madri, a 15 de junho de 1626, sobre o transporte da prata do Peru para Espanha. Em espanhol. Impresso, 2 fls. Não registrado pelos bibliógrafos, salvo Oliveira Lima. Exemplar do Museu Britânico.¹⁶

6. Uma história do Brasil, que tencionava escrever, segundo passagens da *Relação sumária*. Seria uma "história natural e moral", à maneira do tempo. Não sabemos se a terá começado.

São, pois, quatro peças de existência comprovada (1, 3, 4 e 5), das quais duas (3 e 5) impressas, uma (1) manuscrita e uma (4) de feitura não sabida, mas que poderia ser também impressa, em virtude de sua finalidade e destinação. A maneira como se refere Simão Estácio a esse papel não permite dúvida quanto a sua existência. Das demais peças (2 e 6), se é que chegaram a existir, só algum arquivo europeu poderia algum dia trazer-nos qualquer revelação.

26

Se 1 e 5 nos trazem agora, à luz de outra leitura, informações bastantes para que se liquide a tradição de Simão Estácio como figura "de que nada se sabe, salvo que militou na América", continua como documento precioso na historiografia do Estado do Maranhão, pela precedência como pela riqueza de conteúdo: a *Relação sumária* se antecipa de alguns anos à *História dos animais e árvores do Maranhão*, de frei Cristóvão de Lisboa (obra caída, de resto, num ineditismo que só recentemente se eliminou) e sucede de poucos anos às notícias e sugestões (também, de resto, só neste século impressas) dos primeiros conquistadores. Se a *Relação sumária* não tem a valorização iconográfica* da obra de frei Cristóvão de Lisboa, tem sobre outros escritos da época a vantagem da inteireza, que permite a vejamos como peça acabada dentro de sua finalidade.

15 "... y estos vasos pueden venir en bandólas cargados de maderos para que acá se perficionen, y hasta las Islas vienen seguros de los enemigos, y desde las islas à España se pueden assegurar por el modo que tengo apuntado en otro papel, ..." (*In fine*).

16 Cf. n. 2.

* Este trabalho introdutório de Darcy Damasceno, publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro: vol. 94, 1974; 1976, p.97-103), veio a público antes das duas monumentais edições portuguesas da *História dos animais e árvores do Maranhão* (1ª ed., Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967. 368p. Formato 23x31cm; 4ª ed., Lisboa: Instituto de Investigação Científica/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, 488p. m/ formato) às quais se intercalaram as 2ª e 3ª edições, maranhenses, de 1985 e 1998, ambas patrocinadas pela Alumar. Dessa importante obra foram reproduzidas as ilustrações que também adornam esta reedição. JM.

Da *Relação sumária das cousas do Maranhão* assina lam-se as seguintes edições:

1. *Princeps: RELAÇÃO SVMARIA DAS COVSAS DO MARANHÃO. Escrita pello Capitão Symão Estacio da Sylueira. Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal.* Lisboa, por Geraldo da Vinha, 1624. 12 fls.

2. In ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memórias para a historia do extincto Estado do Maranhão... colligidas e annotadas, por...* t. II. Rio de Janeiro, 1874, pp. 1-31. Na p. 32, uma indicação tipográfica revela ter tido a *Relação sumária* composição em separado: *Parahyba do Sul. – Typ. de C. M. de A. – Rua dos Coqueiros n. 1.* Texto anotado pelo editor.

3. In *Revista do Instituto do Ceará*, t. XIX (1905), ps. 124-154. Sem o prólogo e sem as licenças.¹⁷

4. Imprensa Nacional, Lisboa, 1911. Edição limitada a 60 exemplares, como informa Borba de Moraes.¹⁸

5. Massachusetts Historical Society, Boston, 1929. Edição fac-similada.¹⁹ A tais edições, se junta agora a também fac-similada com que a Biblioteca Nacional celebra os 350 anos do precioso impresso.

A *Relação sumária* constituiu até hoje uma obra de tal raridade, que poucos bibliógrafos tiveram oportunidade de lhe ver algum exemplar.²⁰ Os registros bibliográficos mais recentes localizam-lhe três unidades: duas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro²¹ e outra na Universidade Católica de Washington.²² Entretanto, dois novos exemplares devem ser acrescentados a esse número: o do Museu Britânico, de que já em 1903 dera notícia Oliveira Lima,²³ e o sevilhano, de que fala Schuller em nota final à cópia da petição de Simão Estácio sobre o transporte da prata do Potosí.²⁴

17 Não está registrada em HORCH, Rosemarie (cf. n. 1), mas consta do "Catálogo de manuscritos sobre o Maranhão", in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 70, s. a., pág. 120.

18 MORAIS, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana*, Amsterdam – Rio de Janeiro, 1958, vol. II, ps. 263 e 264. A edição, aos cuidados de Eugênio do Canto, se fez pelo exemplar adquirido por Oliveira Lima no leilão da col. Azambuja e incorporado depois à Lima Library da Universidade Católica de Washington.

19 HORCH, Rosemarie. Cf. n. 1, primeira obra citada.

20 Pinto de Matos, por exemplo (*Manual bibliographico portuguez de livros raros, clássicos e curiosos coordenado por...* Porto, 1878), reproduzindo-lhe a dedicatória, justapõe uma interrogação à palavra "pobres", sem atinar com a intenção aliciante que nela havia.

21 A primeira, na Seção de Livros Raros, col. Barbosa Machado (23,5,1 n.º 2); a segunda, na Seção de Manuscritos, códice Pernambuco (1, 2,35 n.º 11).

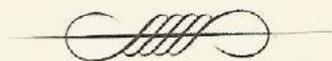
22 Cf. n. 18.

23 In *Relação dos manuscritos...*, A *Relação sumária* encontra-se no mesmo códice referido na n. 2, em seguimento à petição de Simão Estácio (fls. 487-498).

24 "P.S. — Segue-se a *Relação Sumaria*, etc., que é o quarto exemplar desse preciosíssimo impresso, do qual os bibliographos não conheciam senão o da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, que agora possue dous. O[u]tro exemplar foi descoberto por mim no Archivo General de Índias em Sevilha (Hespanha)." (Nota de 1913). Schuller não oferece dados que localizem o exemplar sevilhano.

Como observação final, assinale-se que, dos exemplares da Biblioteca Nacional, o da Seção de Manuscritos é duplamente mais interessante que o outro: primeiro, por manter a feição gráfica original, com folhas de largas margens, que medem 290 X 205 mm., ao passo que o da col. Barbosa Machado teve reduzido seu tamanho para atender à conveniência de arrançamento e encadernação de peças fisicamente heterogêneas; e segundo, por apresentar uma série de notas manuscritas à margem, que revelam uma leitura crítica da obra e são praticamente contemporâneas dela (1630) Tais notas devem ter sido lançadas na Corte, por alguém que estaria a par da situação geral do Estado do Maranhão.

Prólogo



Quando fui a esta Conquista, no ano de 1618, se abalaram muitas pessoas das Ilhas a meu exemplo, parecendo-lhes que pois eu sem obrigações, a que ir buscar remédio deixava o regalo de Lisboa, e me ia ao Maranhão, não seria sem algum fundamento.

Na nau de que fui por capitão se embarcaram perto de trezentas pessoas, alguns com muitas filhas donzelas, que logo em chegando, casaram todas, e tiveram vida que cá lhes estava mui impossibilitada, e se lhes deram suas léguas de terra.

Folgara de os ter agora aqui todos para testemunhas do que digo nesta Relação; mas reporto-me ao que escrevem, e aos que de lá vieram, que aqui andam chorando por tornarem. E se ainda houver alguns que suspirem por Portugal e pelas couves do Egito (ou porque o amor da pátria os provoca, ou porque só na Glória nos havemos de aquietar) quisera-lhes levar agora de novo outras tantas testemunhas que lhes foram lá contar, o que cá vai, para os acalantar. Eu não determinava publicar esta Relação sem ir diante de todos, abonando com as obras a verdade do que nela digo; mas quem me estorva esse bem (que devem ser meus pecados) não permitirá Deus que o impida também aos pobres deste Reino.

Aos que esta Relação (e as mais informações que tomarem) persuadir, a que vão viver nessa terra, peço em recompensa do bom ânimo, com que lha ofereço, que quando se nela virem contentes e sem necessidades, roguem a Deus que me leve também a ser-lhes companheiro, que eu, quando os vir ir, direi com o Poeta:

*Vivite felices, quibus est fortuna peracta
Iam sua; nos alia ex aliis in fata vocamur.*

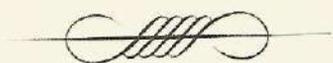
Deus escolha a todos o melhor.

Em Lisboa, a 7 de março de 1624.

Simão Estácio da Silveira.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessárias. Por Geraldo da Vinha. Ano de 1624.

Licenças



Vi por mandado do Ilmo. Sr. Inquisidor-Geral, esta Relação do Maranhão, composta pelo Capitão Simão Estácio da Silveira, e não tem cousa contra nossa Santa Fé ou bons costumes, parece-me que se lhe deve de dar a licença que pede, porque brevemente, e sem afetação de encarecimentos, que outros costumam, diz as grandezas desta Conquista, que se assi[m] é como se deve crer, uma pessoa qualificada e testemunha de vista e experiência, esta terra virá a ser mui habitada de cristãos, e com ajuda do Céu nela se verá o nome de Jesus Cristo mui venerado e dilatado; pelo que não pode esta breve Relação deixar de influir uns desejos mui apostados, e eficazes de tão louvável empresa, nos ânimos dos ousados e incansáveis portugueses, que noutros tempos empreenderam com menos esperanças cousas mais dificultosas, que a outras nações pareciam temerárias, e segundo alguns praguentos ou invejosos da glória portuguesa, bárbaras e impossíveis.

Em S. Domingos de Lisboa, a 8 de março de 624.

Fr. Thomaz de S. Domingos, Magister.

Pode-se imprimir. Em Lisboa, a 8 de março de 624.

O Bispo.

Pode-se imprimir esta Relação. Lisboa, a 8 de março de 624.

Damião Viegas.

Que se possa imprimir esta Relação, e depois de impressa, torne para se taxar, e sem isto não correrá, a 9 de março de 624.

D. de Mello. V. Caldeira

Taxam esta Relação em 30 réis em papel.

Diniz de Mello. V. Caldeira

Esta Relação concorda com o seu original.

Fr. Thomaz de S. Domingos, Magister.

Começa a Relação

Demarcação

O Maranhão é uma conquista muito grandiosa e dilatada, cuja governação Sua Majestade tem demarcado desde o Ceará (que está em três graus e um terço da parte do Sul) até o último marco do Brasil, que está em dois graus da banda do Norte;¹ em que há de costa perto de quatrocentas léguas até o rio de Vicente Yanes Pinzón, onde dizem estar um padrão de mármore com as armas de Portugal desta parte, e as de Castela da outra, mandado ali fixar pela cesárea majestade do Imperador Carlos V, corre dele a costa a Leste quarta a Sueste. Tomou este nome de Maranhão do capitão que descobriu seu nascimento no Peru,² e para o Sul tem mais de quinhentas léguas pelo sertão.

Primeiros descobridores

No descobrimento desta conquista, tem Sua Majestade e os Senhores Reis passados metido muito cabedal, assim por terra como por mar.

Por terra, foi em seu descobrimento Gabriel Soares com muita gente, e chegando até as cabeceiras do Rio São Francisco e à Serra Verde, perto de trezentas léguas pelo sertão encontra o Peru, perto da governação que lá chamam *Charcas*,³ na qual jornada se perderam muitos, e depois disto se fizeram algumas entradas pelos do Rio de Janeiro, onde também andaram anos sem conseguir nada.

Até que o governador daquele Estado, D. Diogo de Meneses, sabendo o cabedal, que pouco antes do seu tempo tinha metido neste descobrimento Pero Coelho de Sousa, e as guerras em que andou com o Mel Redondo nas serras de Goapava,⁴ e que entre aquele gentio havia notícias do Maranhão (entendendo que estes descobridores deviam andar perto dele) mandou conservar as amizades que ele dei-

1 Aliás 4 graus e 6 minutos. Este erro muito nos tem custado na questão de limites com a França. CM.

2 Redação incorreta, faltando muitas palavras para explicar o pensamento do autor, que referia-se ao rio Maranhão, que deu nome ao país, tendo recebido o seu do capitão que o descobriu no Peru. CM.

3 Inexato. Veja-se na *Revista do Instituto Histórico*, t. 21, p. 455, a "Memória" documentada do Sr. F.A. de Varnhagen sobre Gabriel Soares de Sousa. CM.

4 Hoje Irapaba. CM.

xou feitas com o gentio do Ceará, pelo capitão Martim Soares Moreno, que havia andado na companhia do dito Pero Coelho naquelas guerras: e para isso, lhe deu um barco, e alguns companheiros, com que residiu três anos no Ceará, e adquiriu pilotos e novas notícias do Maranhão.

Jornada em que se descobriu

O governador Gaspar de Sousa, sucedendo naquele Governo, mandou (por particulares ordens de Sua Majestade) a Jerônimo de Albuquerque com cem homens por mar em quatro barcos prosseguir esta empresa. O qual discorrendo a costa avante do Ceará foi até o Buraco das Tartarugas,⁵ e ali fez um presídio, e uma cerca, e se tornou a pedir mais gente, e cabedal para passar ao Maranhão, enviando entretanto a descobri-lo pelo capitão Martim Soares Moreno – num barco, o qual o reconheceu, e por via de Índias⁶ trouxe recado a este Reino, que estavam ali franceses em quantidade, com o qual aviso mandou Sua Majestade ordem ao dito governador-geral, que tornasse a enviar a este descobrimento e conquista ao dito Jerônimo de Albuquerque; e para isso lhe deu mais gente e munições com que em três navios e cinco barcos veio até onde deixara o presídio, no qual se havia já provado a mão com os franceses que iam em uma grande nau a povoarem o Maranhão, e desembarcando aqui em terra com duzentos homens bem armados para consumirem os nossos quarenta que estavam na cerca: lhes saiu capitão Manoel de Sousa d’Eça com dezoito homens, e metidos em um charco por entre umas junqueiras, e carriços que na praia fazia uma ribeira, os detiveram a todos, matando alguns, e os fizeram tornar a embarcar malcontentes.

Entrada no Maranhão e batalha com os franceses

Jerônimo de Albuquerque, se ajuntou aqui com os seus, e ordenadas algumas cousas necessárias à jornada, fez resenha de sua gente e se achou com até quatrocentos portugueses e duzentos e vinte índios amigos, que trouxera consigo de Parnambuco,* Paraíba, Rio Grande, e partindo daqui foi ter a Guacenduba,⁷ que é a terra firme, que fica da parte de leste da Ilha de São Luís, onde estavam os franceses, os quais vendo as nossas embarcações e sabendo pelos índios, que traziam por espias,

5 É a enseada de Jericoacoara. CM.

6 Referia-se às Antilhas (Índias Ocidentais) por onde Moreno foi a Portugal. CM.

* Mantida a forma *Parnambuco*, sempre que assim figura na 1ª edição. JM.

7 Guaxenduba. A costa fronteira à ilha da baía de São José. CM.

a pouca gente portuguesa que havia na jornada: logo dali a poucas noites deram nelas, e lhes tomaram as embarcações com os mantimentos que havia, e daí a oito dias nelas mesmas, e nas suas determinaram passar contra os portugueses desde a ilha à terra firme, onde ao desembarcar, os nossos como gente desenganada que não tinha nenhum remédio, nem mantimentos, deram nos franceses, e quis Deus favorecê-los, que sendo a este tempo menos de trezentos homens venceram, mataram e prenderam a muitos dos franceses.

E pudera suceder muito ao contrário; se eles se não aceleraram em passar da ilha à terra em busca dos nossos com intento de não deixar nenhum para trazer novas.

E assim este desprezo em que puseram tão pouca gente de uma parte: e da outra a resolução, e aperto dos portugueses, vendo que nem para onde retirar, nem para esperar ali havia remédio, foram tudo meios que Deus tomou para lhes dar esta não esperada vitória, com que ficaram senhores do campo, e puseram em fuga mais de três mil índios frecheiros, que estavam em favor dos franceses, depois de matarem dos índios mais de quinhentos, e perto de cem franceses.

Socorros e expugnação

Aqui teve o capitão-mor alguns socorros de mantimentos de Pernambuco,* e deste Reino foi com o capitão Miguel de Siqueira Sanhudo, e da Bahia, com o capitão Francisco Caldeira de Castelo Branco, com cujo favor trataram os portugueses de passar à Ilha de São Luís, e como já o capitão-mor tinha feito pazes com o francês, não houve de sua parte resistência; porque estavam em tréguas por quatorze meses e enviaram seus embaixadores a Espanha e França para que os Sereníssimos Reis (como irmãos em armas) determinassem esta lide; e por se dilatar a resolução, foi Alexandre de Moura com uma armada de Pernambuco no ano de 1615, e não com pouca dificuldade e perigos do mar, entrou no Maranhão, pela barra do Peria, onde (por ainda se não saberem aquelas barras) encalharam algumas vezes, mas sem dano, e com sua chegada se entregaram os mais franceses do Maranhão, que estavam em tréguas, com pacto de se lhes dar passagem e matalotagem para França, em cuja entrega não faltaram competências; por parecer a Jerônimo de Albuquerque, e a seus companheiros, que a eles se devia aquela glória que a tinham trabalhado.⁸

* Assim na 1ª edição. JM.

8 O procedimento desleal de Alexandre de Moura ou do Governo da Metrópole não prejudica a glória de Jerônimo de Albuquerque; que nem é responsável pela prisão que sofreu La Ravardière no Castelo de Belém, por espaço de três anos. CM.

Primeiras notícias das riquezas do Maranhão

Esta Província sempre foi muito requestada e desejada, e já em tempo dos serenísimos Reis de Portugal, El-Rei D. Manuel e El-Rei D. João III, se havia metido muito cabedal neste Reino por descobrir e povoar o Maranhão, e não sem grandes motivos. Porque num tratado que Pero de Magalhães⁹ escreveu das cousas do Brasil, no ano de 1575, refere que indo certa nação deste gentio buscando novas terras em que habitar (que de seu natural são como ciganos amigos de andar pelo mundo) atravessaram algumas jornadas para o poente, onde encontrando com outra nação sua contrária, que lhes saiu pelas espaldas, e sendo mais poderosos, os obrigaram a meter-se muito pelo sertão, e dos trabalhos do caminho e dos conflitos da guerra morreram muitos, e os que escaparam foram ter a uma terra onde havia povoações mui grandes e de muitos vizinhos, entre os quais eram tantas as riquezas, que havia ruas muito compridas de ourives que só se ocupavam em lavrar peças de ouro e pedrarias, com os quais se detiveram alguns tempos,¹⁰ e vendo-lhes levar ferramentas, lhes perguntaram de quem ou por que meios as haviam; e eles os informaram; como da parte do Oriente ao longo do mar habitavam uns brancos que tinham barba, de que as alcançavam: então lhes deram os outros os mesmos sinais dos castelhanos do Peru, dizendo-lhes que também da outra parte do Poente tinham notícia haver gente semelhante, e lhes deram a troco das ferramentas certas rodelas todas chapeadas de ouro, e ornadas com esmeraldas, pedindo-lhes que as levassem para mostrar àquelas gentes que tinham as ferramentas, e que lhes dissessem que se a troco daquelas peças e outras semelhantes lhes quisessem levar ferramentas, e ter comunicação com eles, que o fizessem, que estavam prestes para os receberem com muito boa vontade, e que partidos dali foram ter ao Rio das Amazonas, e navegando por ele acima dous anos, chegaram à Província de Quito (terra do Peru) onde logo foram conhecidos por gente do Brasil, e contaram sua jornada, e ofereceram as rodelas que foram vendidas por grande preço.

E conforme ao que este Autor discorre desta jornada (que ele testifica como cousa muito certa) estas gentes ricas, devem ser os habitantes do Lago Dourado, em cujo descobrimento se hão consumido infinitas gentes, e capitães castelhanos, e vem a cair no sertão do nosso Maranhão, a que os do Peru chamam Paititi e Dourado.

9 Pedro de Magalhães Gandavo, *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, cap. 14. CM.

10 É o célebre e fantástico país do Eldorado, que tanta cobiça excitou nos séculos XVI e XVII. CM.

Jornada de Gonçalo Pizarro e Francisco de Orellana

Por estas e outras informações semelhantes, se moveu também Gonçalo Pizarro (que foi o que depois se quis levantar com o Peru) a vir (alguns anos antes deste sucesso) em descobrimento da canela, que achou haver muita em terra de Sumaco,¹¹ que (conforme os sinais) é a mesma que a da Índia, segundo confere Antônio Galvão, e também Gonçalo Pizarro, e os seus vieram achar gentio que tratava ouro em quantidade.

E do muito que dele houveram procedeu a necessidade de fazer o bergantim em que meteu a bagagem, e pôs por cabo o capitão Francisco de Orellana, o qual levado mais do peso do bergantim que das correntes do rio (que tomou por desculpa), se deixou levar de sua ambição, e desembocando pelo rio do Pará, veio a Espanha: onde disse tanto das grandezas e muitas riquezas desta terra, que o Imperador Carlos V o despachou por almirante deste descobrimento, e lhe mandou ordenar para isso uma boa armada, que não foi de efeito por ele morrer nas Canárias.¹²

Descobrimto de Luís de Melo da Silva

Luís de Melo da Silva, filho do alcaide-mor d'Elvas, andava na costa do Brasil por aventureiro, a descobrir alguma boa capitania, que pedir a El-Rei D. João III¹³ e sendo forçado dos gerais a vir discorrer esta costa do Maranhão, lhe pareceu a terra muito excelente, pelo que aportou na Ilha da Margarita, onde achou alguns do bergantim de Orellana,¹⁴ que lhe disseram tanto da terra dentro, como testemunhas de vista: que o obrigaram a vir, a grã pressa, pedir a Sua Alteza aquela capitania, para a conquistar e povoar, e para isso, se lhe aviou uma armada de três navios e duas caravelas, com que foi ter ao Maranhão, em cujos baixios se perdeu a armada E ele e alguns que escaparam em uma caravela, que ficou fora do perigo, tornaram a este Reino, e por ficar muito gastado desta jornada o despachou El-Rei D. João III, para a Índia, donde vindo rico e com grande ânimo de tornar a esta empresa, se perdeu na nau São Francisco, de que não houve mais novas.

¹¹ É corrupção da palavra *zumaque*. Vale próximo a Quito, nas fraldas de um vulcão, na República do Equador. CM.

¹² Inexato. Faleceu no Amazonas na segunda expedição. CM.

¹³ O autor diz D. Manuel, mas uma emenda manuscrita, que supomos ser de Barbosa Machado, diz D. João III, o que é mais exato. CM.

¹⁴ Inexato. Eram os companheiros de Orellana da segunda expedição. CM.

Os filhos de João de Barros no Maranhão

Por estas e outras informações,¹⁵ João de Barros, famoso historiador, que teve grandes notícias desta terra, como quem escrevia dela uma *Década* intitulada — *Santa Cruz*¹⁶ se moveu a pedir a El-Rei esta capitania e armando com Fernão Álvares de Andrade, tesoureiro-mor deste Reino, e Aires da Cunha, mandou em companhia deste dous filhos seus,* no ano de 1535, a qual armada era de novecentos homens, em que entravam cento e treze de cavalo,** e lá se perdeu esta frota, e a gente que escapou, depois de fazerem na Ilha de S. Luís (onde agora se chama o Boqueirão) uma fortaleza de que ainda ali estão alguns vestígios, em que se vê pedras brancas de Alcântara,¹⁷ os consumiu o tempo, ou alguma desordem com o gentio, sem ficar outro rasto mais, que descobrimos agora um gentio, na comarca de entre o Rio Monim e o Rio Itapicuru, que em tudo é diferente do outro gentio da terra, porque vivem em sobrados, comem pão de milho zaburro e não usam da farinha da mandioca; nem de arco e flechas, e por divisa criam barbas como os portugueses, e por isso os circunvizinhos os chamam de barbados, como os de que atrás fica dito, e os do México chamavam aos companheiros de Fernão Cortez, e têm umas espadas, como achas e umas zagaias de arremesso, com que são temidos e valentes, e dizem que são descendentes de brancos, a que eles chamam *perós* parece por memória de algum Pedro notável, de que conservam aquele nome; é contudo gentio tão bárbaro, ou mais que o outro; e porém não quiseram nunca paz nem trato com os franceses, dizendo que eles não eram verdadeiros *perós*.

E quando souberam que os portugueses estavam no Maranhão trataram de os vir ver, e fazer pazes com eles, e diziam que estes eram seus *perós* desejados de que eles eram descendentes; e pelo menos serão filhos das índias, e de alguns brancos que os houveram antes de se consumirem nesta conquista; assim como também agora achamos infinitos filhos e filhas dos franceses, do tempo que aqui habitaram.

15 Inexato. A expedição de Aires da Cunha com os filhos de João de Barros foi anterior à de Luís de Melo. CM.

16 Infelizmente essa obra perdeu-se. CM.

* Sobre o assunto, vide, de Rafael Moreira e William M. Thomas, Desventuras de João de Barros, Primeiro Colonizador do Maranhão; o Achado da Nau de Aires da Cunha Naufragada em 1546. *Oceano* 27 — jul/set. de 1996, p. 101-111. JM.

** João Francisco Lisboa (*Obras*, volume II, Livro I) apresenta judiciosos questionamentos acerca dessa expedição que primeiramente tentou colonizar o Maranhão. JM.

17 Pedreiras de cantaria em Portugal, próximas a Lisboa, na direção do célebre Aqueduto das Águas Livres. CM.

Franceses no Maranhão

Estes franceses também vieram aqui povoar, movidos de notícias desta terra e de haver nela grandes riquezas, porque havia mais de vinte anos que vinham a estas barras de suas pilhagens, e tinham aqui uma ladroeira onde espalmavam e breavam com a almécega da terra, que também como o breu serve.

E como do alheio sempre a mão é mais larga, com o que furtavam nesta costa, tinham nesta ilha grande comércio e correspondência com mais de trinta aldeias que nela havia de gentio tupinambá, e a troco de seus resgates, haviam deles muito algodão,¹⁸ tabaco, pimenta, salsaparilha, paus de tintas e outras madeiras de estima, e uma tinta vermelha muito fina, que se chama urucu, e refazendo suas matalotagens com os mantimentos da terra se iam alastrados disto, até que no ano de 610 um Carlos de Vóhus¹⁹ francês, que se criara entre estes índios, e era grande tapijar²⁰ e prático na sua língua (a que o gentio pôs nome Itajubá, que quer dizer braço de ferro), veio à França, e com os muitos gabos que disse da terra e informações que deu de haver nela minas de ouro e de prata, e de todos os metais, e pérolas, e outras muitas riquezas, persuadiu a um fidalgo francês, por nome Daniel de la Touche, Monsier de la Ravardièrre²¹ que fosse conquistar e povoar esta província o qual para isso fez liga com outros dous, Rasali²² e Ferlo;²³ e convocando todos, seus amigos e parentes, se vieram ao Maranhão no ano de 612, trazendo (posto que luteranos) dous frades capuchos de São Francisco²⁴ (religiosos de grande virtude) que começavam a catequizar o gentio; e desta companhia eram os quinhentos homens que ali estavam.

Descobrimento do Grão-Pará, famoso rio das amazonas

Alexandre de Moura depois de lançar os franceses para França, pela notícia que entre eles achou do Grão-Pará, famoso rio das Amazonas, mandou descobri-lo por Francisco Caldeira de Castelo Branco, o qual indo pelo rio acima como vinte léguas, fez uma fortaleza no sítio que melhor lhe pareceu e ali se fortificou, e teve

18 Provavelmente o algodão amarelo, indígena. CM.

19 Carlos Des Vaux. CM.

20 Tapijar, caçador. CM.

21 Daniel de La Touche, Seigneur de la Ravardièrre. CM.

22 Razilly. CM.

23 Ferluj – Não se encontra este nome nas obras da época, tanto francesas como portuguesas. Provavelmente refere-se a Nicolau d'Harlay, outro consócio de Ravardièrre. CM.

24 Eram quatro sob a direção do padre frei Ivo d'Evreux, superior da Missão. La Ravardièrre, chefe da Colônia, era protestante calvinista (huguenote), mas os seus sócios eram católicos. CM.

trezentos homens à sua ordem, alguns anos, nos quais se fizeram algumas entradas por estes rios e terras, e se descobriram muitas cousas de que o dito Francisco Caldeira mandou aqui copiosas relações, encarecendo muito as maravilhas deste rio, e na verdade é muito famoso e há nele mais de cem ilhas, e outras grandezas e excelências mui notáveis, e é o maior rio que há em toda a redondeza da terra, e tem cento e vinte léguas de boca e mais de mil léguas de descida desde o Peru. Ao qual Sua Majestade pode mandar abrir uma porta por este rio, por onde com grande comodidade e brevidade, venham as riquezas dele a Espanha, sem os inconvenientes de as tragar por terra ao mar do Sul, e por ele a Panamá e dali outra vez a Nombre de Dios, e dali, na frota a Espanha, que tudo são trabalhosas e dificultosas escalas.

Descrição do Maranhão, suas terras e rios

64 O sítio do Maranhão é uma baía, que olha para o Norte, e terá como quarenta e duas léguas da ponta do Peria até a ponta do Cumã, dentro em si encerra perto de vinte ilhas, e ilhéus. A de São Luís (onde agora estão os portugueses) tem vinte e duas léguas* de comprido e sete de largo, e sai desta baía como língua, com a ponta de Arassoagi** ao Norte; ao longo desta há outras ilhas de cinco, seis, sete e mais, e menos léguas, como são a das Guaiavas, a do Maçame, a de Santa Ana, a de La Tuche (que é península de Gaspar de Sousa, que foi governador daquele Estado, que terá seis*** léguas), uma que se deu a um cirurgião, que terá quatro léguas, e outra chamada das Pacas, de que Sua Majestade me fez mercê, que será, de até duas léguas.²⁵

Por detrás destas ilhas deságuam nesta baía, cinco rios caudalosos, e todos navegáveis, que são o Monim, o Itapicoru, pelo qual, acima vinte**** léguas, temos uma fortaleza com quarenta soldados e alguns moradores, e uma aldeia ou duas com a gente de Bento Maciel.

O Mearim, que vem por formosíssimas campinas de massapé, onde andam muitos bandos de emas.

O Pinaré, que dizem nasce muito perto do Peru.²⁶ E o Maracu, que se deriva por muitos e mui espaçosos lagos; em todos, e cada um destes rios, se pode fundar

* Os numerais da expressão "vinte e duas léguas" foram sublinhados. Ao lado, escrito "14 ou 15". JM.

** Arassoagi. Assim figura na 1ª. ed. o topônimo Araçaji. JM.

*** Sobre a expressão "terá seis léguas", foi escrito o numeral "duas". JM.

²⁵ Hoje dificilmente se poderá discriminar por esses nomes as ilhas da grande baía do Maranhão, com exceção da de Santa Ana, outrora Upaon-Mirim. CM.

**** Sobre "vinte léguas" foi escrito "quatro". JM.

²⁶ Inexato. O seu curso limita-se à Província do Maranhão. CM.

um reino opulentíssimo; porque têm boníssimas águas, muitos pescados, muito excelentes terras, muitas madeiras, muitas frutas, muitas caças.

Afora estes, há outros muitos rios menores, e ribeiras, que também deságuam nesta baía, e na entrada do Maracu, há umas salinas grandes, fabricadas pela natureza, onde em uns lagos, que secam quando as águas andam baixas, coalha muito sal, que ainda que não é tão alvo, é bom, e bastante para o uso comum.

Estado das cousas do Maranhão

Há hoje no Maranhão, quatro fortalezas, e ao longo delas mais de trezentos vizinhos portugueses.

A cidade de São Luís, à sombra das fortalezas São Filipe e São Francisco. Itapari, à sombra da fortaleza São José, e os que estão no Itapicoru, à sombra da fortaleza chamada Nossa Senhora da Conceição.²⁷

Além das quais, há duas estâncias de moradores, uma no sítio que chamam dos franceses, onde se deixaram ficar alguns, que depois casaram com mulheres das Ilhas, e são ferreiros, e gente de préstimo à conquista, e os que melhor sabem a terra. E outra na aldeia de Arassoaji, em companhia do capitão Branco que ali está.

Também há nove aldeias de gentio circunvizinhas, que fortalecem, acompanham e servem aos portugueses de pescadores, caçadores e de outros misteres, e todas têm suas igrejas muito formosas, e desejam muito ser cristãos, e agora vão frades capuchos, para os catequizar, além de que já lá estão padres da Companhia.

Administração dos índios

E para esta terra ir em grande crescimento, convinha que Sua Majestade desse estas aldeias a administradores casados e de cabedal; assim para que haja na conquista com que premiar os beneméritos, como para os índios terem quem acuda por eles e trate de os fazer cristãos, e os ampare e conserve, e os faça arreigar na terra e cultivá-la, e os tenha destros e prontos para qualquer ocasião, e os tais administradores devem residir nas aldeias, e obrigar-se a sustentar igreja e clérigo com algum moderado serviço, que para isso recebam de cada gentio, cada mês, como se faz nas Índias; que é o principal meio de a povoação delas ir em tão grande aumento, que por mais que digam, quem vai interessado nos índios trata de os conservar e ter

²⁷ Esta fortaleza é diferente da de Vera-Cruz, que depois se edificou na foz do rio Itapecuru. CM.

contentes, porque senão vão pela terra dentro, como têm ido por esta falta muitas aldeias, que havia no Maranhão, mais de trinta, quando nele entraram os portugueses, e todas fugiram de nossos tratos, eles sabem o porquê, e eu digo, que é por não terem dono próprio,²⁸ que doutra maneira não falta quem lhes faça más práticas contra os portugueses por usurpar para si estas administrações,²⁹ que pertencem aos que as ganharam com as armas nas mãos, e não é em dano do gentio ser governado por um capitão honrado que os ampare e adestre, que também os povos de Portugal são governados por ministros de Sua Majestade.

Comodidades do Maranhão

Contudo vai o Maranhão cada dia em crescimento, e a terra mostrando sua fertilidade e fecúndia: e são feitas muitas roçarias de farinhas e outras culturas, e há já muitas casas de telha, muito boas, olarias, muitas caças, pescarias, mariscos, frutas, mel, hortas, sal e lenha, e algumas criações e outras muitas cousas, como adiante diremos, com que vivem contentes em grandíssima abundância, e cada dia se vai enobrecendo a terra com igrejas e outros edifícios particulares, e a Câmara do Maranhão tem perto de cem mil réis de renda de foros da sua légua de terra que se lhe tomou ao longo da Cidade, só falta comércio de navios, em que os homens se valham do que tiverem, e hajam a troco o que lhes falta, que como houver um navio na terra, logo começará a florescer e mostrar as grandezas de sua fertilidade.

66

Arrumação da costa do Maranhão ao Pará

Do Maranhão até o Pará, corre a costa Loeste, quarta a Noroeste, de maneira que de dous graus da parte do Sul, em que está a ponta da barra do Maranhão da parte do Poente, chamada Cumá, correndo cento e vinte léguas, que há até o Separará,³⁰ que é a ponta da barra do Pará, da parte de Leste, se vem a achar justamente na linha equinocial.³¹

Toda esta costa é boníssima, forrada de belíssimas ilhas, e extremadas baías muito abrigadas, ornadas de caudalosos rios e ribeiras, e fresquíssimos arvoredos, cujos madeiros sobem ao céu e são infinitos.

Esta Província habitavam os tupinambás, em muitas aldeias, que os portu-

28A causa era a tirania com que eram os índios tratados pelos colonos. CM.

29Alusão aos jesuítas, de quem o autor parece não ser afeiçoado. CM.

30 É hoje a ponta Tijjoca. CM.

31 Erro que provavelmente deu causa ao que já notamos na primeira nota ao capítulo I. CM.

gueses atravessavam, indo e vindo do Maranhão ao Pará, até que no ano de 618 (ou escandalizados de nossa vizinhança ou movidos de sua fereza) ordenaram em uma mesma noite, matar todos os brancos, que entre eles andavam espalhados por diferentes lugares, e os que estavam em um presídio no Cumá, e de efeito o puseram em execução, pondo logo ao Pará um mui apertado cerco, do qual saiu o capitão Manoel Soares d'Almeida a pedir socorro ao Brasil, e com sua boa diligência lhe foi Jerônimo Fragoso de Albuquerque, capitão-mor do Pará, com soldados de Pernambuco, e ainda achou os nossos cercados e com grande fome; e depois de os remediar, seguiu o gentio, perto de duzentas léguas pelas ribeiras do Pará acima, aonde ele morreu, depois de se fazerem nesta jornada muito honrados feitos por todos, especialmente pelos capitães Custódio Valente e Pero Teixeira, e outros que assinalaram muito suas pessoas, que a brevidade desta Relação não sofre recitar agora, fá-lo-emos de todos em particular na História do Brasil, que entendo em escrever.^{32*}

Conquista dos tupinambás

E por terra foi o capitão Bento Maciel Parente desde o Maranhão, com oitenta homens e seiscentos índios frecheiros das aldeias do Maranhão, e fez neste gentio grandes estragos, e os mais deles descompostos de suas aldeias, e fugitivos pelos matos caíram nas mãos dos tapuias (outra nação sua contrária) que com esta ocasião mataram, comeram³³ e cativaram quantos acharam, e se entende, que passariam de quinhentas mil almas os mortos e cativos.

Alguns que escaparam se foram valer dos portugueses ao Pará pedindo paz, e misericórdia, e o padre vigário Manoel Filgueira de Mendonça, os fez ajuntar em uma aldeia no Separará, prometendo-lhes ampará-los ali, se eles fossem fiéis: como parece serão, por serem poucos, e estarem assaz escarmentados, e com isto ficou, e está esta Província posta em paz, que com pouco receio se pode hoje povoar em qualquer parte dela

Principalmente é excelente, posto a baía de São João,³⁴ e melhor que esta, é o Caité (que na língua da terra, quer dizer mata-real) porque na verdade o é de grande frutais, e arvoredos.³⁵

32 Não consta que realizasse este projeto. CM.

* Assim está na edição princeps: [...] "História do Brasil, que entendo em escrever". É possível que a palavra *entendo* esteja por *intento*. JM.

33 Não se compreende como estes bárbaros sendo dirigidos por cristãos continuassem em sua antropofagia. O procedimento dos chefes foi mais abominável que o seu. CM.

34 Hoje a baía de Turiaçu. CM.

35 Caité – a baía de Bragança. CM.

E neste sítio se diz que há minas de prata de importância, que fundem quase a metade em prata; pelo menos assim fundiu uma pedra que eu vi, que disseram ser destas minas, e agora era oportuna ocasião de mandar aqui povoar; porque ainda anda o gentio da terra espalhado, e quando eu passei para o Pará, faziam fogos à caravela,³⁶ que era sinal de quererem paz.

Estado do Grão-Pará

O Pará ainda está como fronteira, porque há muitos rios, e muita gentilidade por eles, e pelas ilhas que são infinitas, de que se não ousam fiar; e assim não povoam, senão à sombra da fortaleza, e por isso não há ainda tantas roçarias mas a tudo suprirá a vizinhança do Maranhão, donde em grande abundância lhe pode vir toda a farinha, e outras cousas, com que se podem resgatar muitas peças,³⁷ das que legitimamente são cativas, conforme as leis de Sua Majestade (que são as que nós resgatamos do poder de seus inimigos, quando os têm cativos para os comerem), e com pouco cabedal se podem haver aqui muitas destas, com que ajudar muito o aumento do Maranhão, onde são de muito serviço e préstimo.

Da outra parte do Pará, se chama o Cabo do Norte, donde residem holandeses em suas colônias.

E o ano passado mandou aqui um deles o capitão Bento Maciel, de dous que lá tomou: dos quais soubemos como é excelente aquela terra, e eles se aproveitam muito dela, não só em escalarem ali os navios que vão infestar aqueles mares, mas entrando por aqueles rios a que chamam Curupap,³⁸ donde se diz que tiram ouro da mão do gentio, e outras cousas, e que têm muitos escravos de navios de Angola, que tomaram indo para Índias.

Conveniência dos navios que vão de Angola a Índias

Aos quais navios de escravos, será de grandíssima utilidade escalar no Maranhão, pelas muitas mais comodidades que ali têm, que em nenhuma outra parte.

A primeira, é ficarem dali mais navegados em Índias, e haverem de chegar lá

³⁶ Faziam fogos na costa para atraírem os que iam nas caravelas, pequenas embarcações de 200 a 300 toneladas, em que então se navegava. CM.

³⁷ Peças era a designação dos escravos tanto na África, como na América. CM.

³⁸ Gurupi, hoje vila e cabeça de comarca. Foi estabelecimento holandês conquistado em 1623, por Bento Maciel Parente. CM.

com as peças, que aqui refrescarem muito inteiras, e vendáveis, o que não tem nos outros portos do Brasil; porque para socorro estão muito cedo, e para lustre das peças ficam longe.

Além desta barra ser muito excelente com os ventos de longo da costa, que são tão largos para entrar, como para sair a toda a hora, sempre Lestes em popa para o Maranhão, e dali para Índias, vão em oito, dez dias, e dentro tem boníssimos portos, com o vento por cima da terra, para espalmar e varar.

Muito aparelho para calafetar, e almécega da terra, com que brear em muita quantidade, que por ser amargosa, preserva do gusano, mais que o breu, e assim o usavam os franceses, e hoje o fazem os nossos navios que aqui vão.

Também como é terra nova não valem os mantimentos nada, e por não haver saca deles (como nos outros portos), há grandíssima abundância de tudo; de modo que podem aqui refazer, e reformar suas armações, com mais regalo para os negros do que nos outros portos acharão para suas próprias pessoas.

E para que a todos seja notória a abundância desta terra, o mostrarei nos capítulos seguintes.

Salubridade do céu

A excelência desta terra, consiste em muitas cousas notórias. A primeira, no ameníssimo céu, e salubérrimo ar, de que goza, aonde sempre é verão, e sempre está o campo, e arvoredo verde, carregado de infinita diversidade de frutas, cujos nomes, sabores, e feições, excedem a toda a declaração humana.

Sempre os dias são iguais com as noites: de que procede um suavíssimo temperamento, nem quente, nem frio.

Os ventos cursam de ordinário do Nascente, e vêm com o Sol, e com ele crescem, e se põem; de maneira, que se o meio-dia traz alguma calma (que não chega a ser nunca tão rigorosa como a do nosso estio), aquela natural viração, que então sopra mais, o tempera, e mitiga de modo, que a calma se não sente, nem há frio, senão de noite; e só por não ver a cara dum inverno deste nosso clima, se podia estar nu no Maranhão, cuja salubridade será evidente a quem considerar quanto a nós, nos são gratos, e sadios os seus ares, quando lá imos; e que os naturais dali vindo aos nossos, logo morrem.

Pureza das águas

O infinito número de fontes que esta terra produz, são também muita parte de sua frescura, porque como o sol, aqui de mais perto vizinha com a terra, tem ela os poros mais abertos, para brotar fontes, e a cada passo se acham correndo mil ribeiras da mais clara, e pura água, que o humano apetite sabe desejar, e tão sadia, que onde cá se veda a muitos doentes, lá lhe serve de mezinha, porque no meio das sezões, e dos destemperamentos, e outras doenças, vimos muitas vezes, sarar com água, e nas febres, saram pela mor parte lavando-se com ela.

Afirmo-me como de vista, que nenhuma das águas destas nossas partes, podem competir em nada com as desta terra: de que faz grande encarecimento o padre José da Costa, na sua *História natural e moral das Índias*,³⁹ e me serão testemunhas, as relíquias das aguadas que aqui chegaram das quais, por grande excelência, se fizeram presentes, sendo muitos mais os petitórios.

Fertilidade da terra

70

O terreno desta Província, é geralmente de uma terra golfeira, e muito criancosa, toda cheia de grandíssimos arvoredos, que testificam sua fecúndia; também há nela muitas várzeas de terras grossas, e de massapês, aonde não leva arvoredo, senão ervaçais muito fortes, em alguns dos quais são postas canas-de-açúcar, que excedem a todas as mais do Estado do Brasil, em grossura, e grandeza; que pela maior parte são de dez, e doze palmos de comprido, e algumas de mais.

E além de ser toda esta terra muito viçosa, ajudam muito a sua fertilidade, os quotidianos regadios, com que o céu a refresca; porque ordinariamente chove cada dia, ou cada dous, sem se vestir o céu de luto como cá: mas em mangas d'águas como as chuvas da primavera, que nela parece contínua.

A terra é chã, pouco montuosa, e tão branda, que por viço se pode andar descalço.

Deste clima, e deste terreno debaixo da zona tórrida (de que os antigos não tiveram notícia, e foram de parecer, que seria inabitável) depois que a experiência mostrou o desengano, houve autores, que imaginaram, que aqui devia ser o Paraíso de deleites, onde nossos primeiros pais foram gerados.

E o dito padre José da Costa o contradiz com a Escritura Sagrada somente: e no demais bem reconhece, que é merecedor este clima daquele predicamento, como se pode ver no cap. XIV, do segundo livro da sua *História* acima referida.

³⁹ Religioso espanhol, da Ordem Domiciana, hoje pouco conhecido. CM.

Pão

Diz o Sagrado Evangelho, que não só com o pão vive o homem, em mais espiritual sentido.

Porém não será muito alheio de nosso intento, se moralizarmos este passo: entendendo pelo pão o mantimento quotidiano, e pelo homem, o gênero humano; pois que das quatro partes do mundo, as três, não usam de trigo; toda essa grande Ásia, vive pela maior parte com arroz, essa África, com arroz, e com milhos, e outras sementes, e essa América com maïs,⁴⁰ (que é milho zaburro),⁴¹ e com mandioca, que o Bem-aventurado Apóstolo São Tomé, lhes industriou (segundo tradições) vivem tão contentes, como nós com o nosso pão de trigo; do qual, diz Galeno, que é a pior cousa de que nos podemos fartar.

E já pode ser, que por isso as nações que comem muito pão, são muito melancolizadas, e a portuguesa, mais que todas; não porque tenha mais pão, que as outras; mas parece, que pela mesma razão, que nos custa mais caro, e nos vem de carroto fazemos mais estima dele, e como cousa que nos falta, a temos por mais preciosa, e por isso nos empregamos mais em comer pão, e, verdadeiramente, ele é o que nosso Senhor nos ensinou a pedir e a matéria em que Sua Divina Majestade consagrou seu Sacratíssimo Corpo, é o de que faz menção o Evangelho, para compreender o sustento do homem.

Porém o segundo lugar depois do trigo pertence à mandioca, que é farinha de umas raízes muito férteis, muito sadias, e muito substanciais, das quais se fazem muitas sortes de farinha, uma muito fina, e tão branca, e mais que a do trigo de Alentejo, a que chamam carimá, de que fazem bolos, que chamam beijus, e biscoito, que chamam caçave e filhós, e bolinhos, e sobretudo, um caldo, como de almidão,⁴² mas muito melhor, que chamam mingau, e engomam com ele, como com a goma muito fina de trigo.

Faz-se mais destas raízes, a farinha fresca que tira as saudades do pão mole, e a farinha ordinária, que chamam de guerra,⁴³ que serve de matalotagens e como cá chega já velha, e mascavada do mar lhe chama o povo farinha de pau, merecendo este mantimento outro nome de muita estima, porque dela se fazem bolos, pão, biscoito, e cuscus muito excelente, e com ela se sustenta mais gente, que com o pão de trigo, que vivem mais anos, que nós, e vai a Angola, em quantidade de navios carregados, e vêm com ela matalotados, milhares de almas outra vez ao Brasil e a Índias, e a este Reino, e tudo pode suportar tão bom mantimento.

⁴⁰ Maïs é o nome que os indígenas da América davam ao milho, e assim é conhecido fora do Brasil. CM.

⁴¹ É o milho grosso da Ásia. CM.

⁴² Amidão, amido, a fécula vegetal, a goma do trigo. CM.

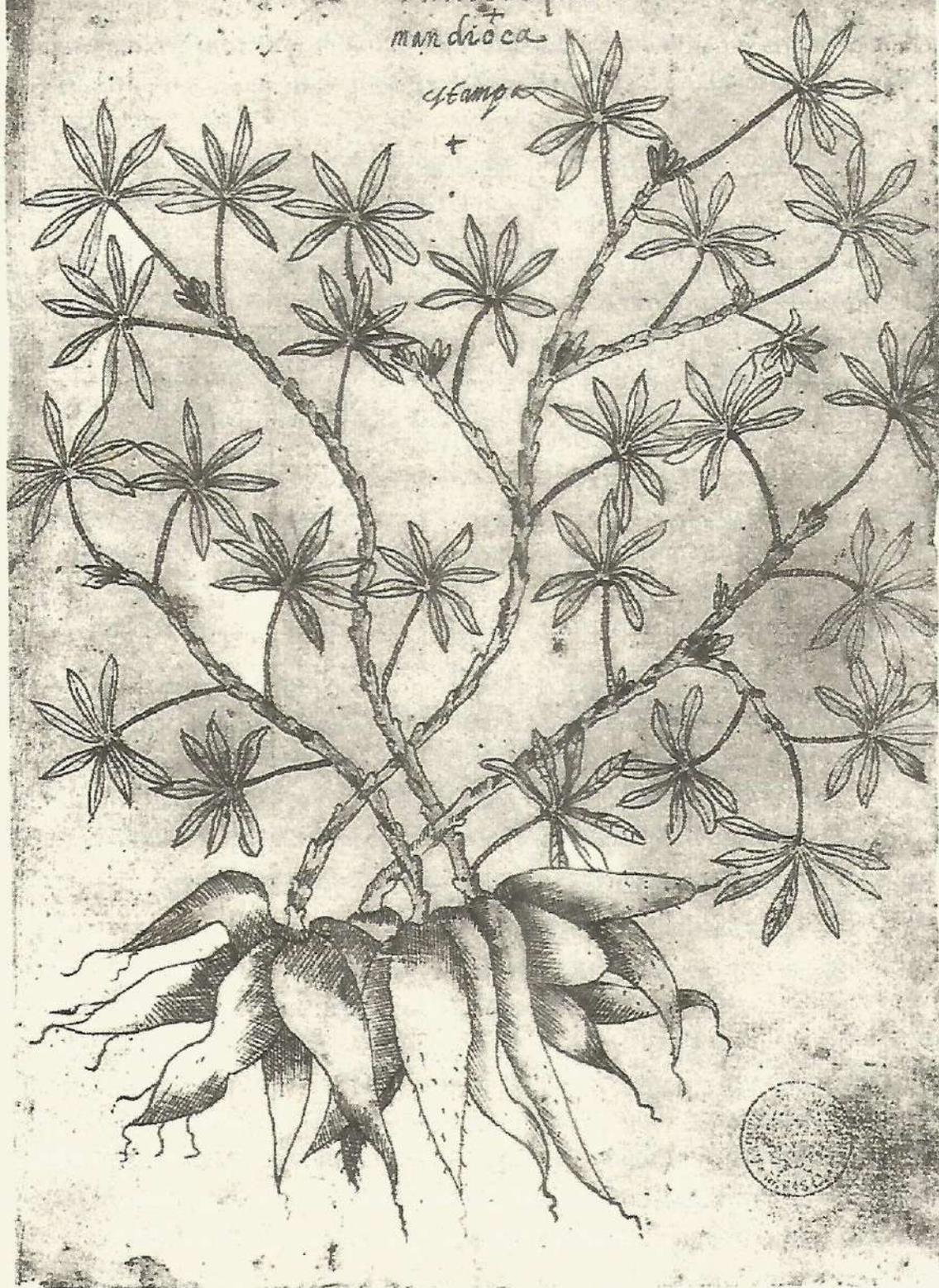
⁴³ Hoje é vulgarmente conhecida por farinha-de-paneiro. Não tem agradável cheiro e nem bom gosto. CM.

MANDIOQUA
mandioca

D

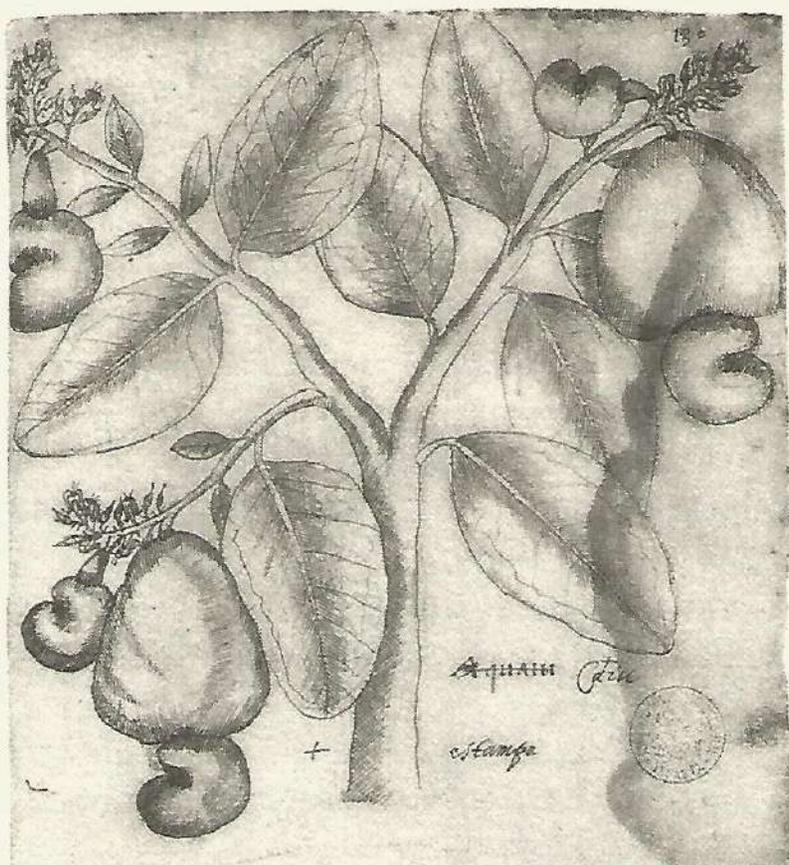
118

de campo



Pela qual causa, Luís Mendes de Vasconcelos, do Conselho de Sua Majestade, e governador de Angola, na sua *Arte militar*, lhe dá o segundo lugar, depois do trigo, como quem bem penetrou as excelências desta semilha, que se avantajá do trigo, em estar sempre na terra crescendo todo o ano, em que o trigo está mingando nos granéis, e em estar sempre feita em boa sezaõ, que não está o pão passados oito dias, e em respeito dos portugueses, se avantajá, principalmente em sobejar naquelas partes (donde eles a carregam para fora).

Quando na nossa pátria nos falta o trigo ordinariamente, e o comemos todo o ano, pela mão de estrangeiros, que com ele se fazem poderosos, e por ele nos levam tudo quanto trazemos da Índia e da China, e nem isso basta para termos pão e assim temos os portugueses, menos ação de desprezar a mandioca, que as outras nações do mundo, considerando, que é ela tal mantimento, que havendo no Maranhão muito milho zaburro, e muito excelente arroz em quantidade, não se faz lá caso de nenhum deles para pão, sendo boa verdade, que se o cá tivéramos em abundância, não fora tão duro o cativeiro de comermos o pão pela mão do estrangeiro.



Vinho

Odiosa empresa será persuadir a muitas gentes deste mundo que é boa terra o Maranhão, se lhes houver de confessar que não há lá vinho; e assim só aos desapaixionados, ousarei a dizer que lhes não faltará de carroto, e que o que lá chega, é mui-

to melhor que o mais estimado do Reino, porque o refina o clima, e o sobe muito de ponto; e não se desconsolam os amigos desta fruta, porque o Maranhão, os brinda com vinho de palma,⁴⁴ que na terra as há, de todos os gêneros, de que se faz vinho por todo o mundo, a que na Índia chamam urraca e sura, que é muito doce, e alegre, e aqueça, e dele se faz arrobe, mel, açúcar e vinagre.

Há vinho de mel,⁴⁵ muito excelente cousa, para os resfriados, opilados, asmáticos e boubáticos.

Há também uma fruta que chamam cajus, que lança muito sumo, e em mosto, é mais doce que o das uvas, e depois de cozido (porque ferve tanto como o das uvas) fica palhete muito claro e belo, porém azedo, e quanto a mim à minguia de herbolarários; que se lhes buscarem alguma casca, ou cousa com que o cozer (que a meu parecer deve ser amargosa) ou se em mosto o arrobarem, e com o arrobe o cozerem de modo que fique doce, na formosura e efeitos, é tão bom como o das uvas.

E contudo ninguém perca as esperanças de ter lá vinho de uvas, porque na terra se dão parreiras, e uvas todo o ano, porque todo o ano é verão; e essa é a causa de se não vindimar, porque como vão sempre dando, e sempre florescendo, e estando outras em agraço, e há poucas parreiras, estimam-nas para comer, e não se persuadem a que possa haver vindimas.

Mas eu cuido, que se se puserem muitas parreiras, em quantidade (pois não faltam terras, e árvores a que as arrimar) que poderão vindimar cada mês, e que assim pelo discurso do ano, recolherão muito vinho.

As mais indústrias desta matéria se encomendam aos devotos do licor, que se os que o são neste Reino, lá passarem, eu lhes asseguro que se não deitem às escuras, porque além dos sobreditos, há outros muitos vinhos, que os índios fazem do milho zaburro, e de outras frutas, com que eles se alegram, e fazem suas ordinárias borracheiras.

Carne

Posto que até agora, não há no Maranhão muitas criações de gado, todavia, essas vacas, que ali foram ter (as primeiras por ordem do governador-geral do Brasil, Gaspar de Sousa), têm multiplicado grandemente, e dado mostras de valente produção, porque as crias vão sempre sendo maiores que as mães.

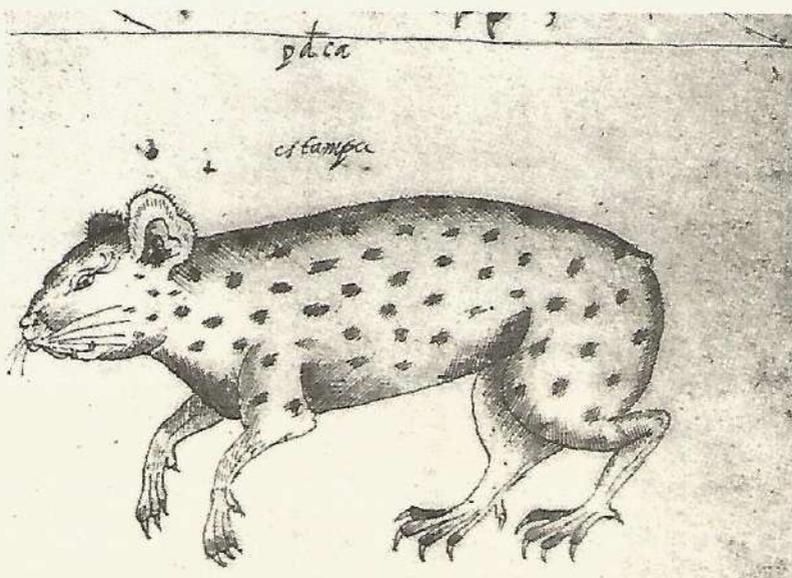
⁴⁴ Faz-se geralmente da palmeira babaçu, a mais comum, e cujo palmito sobremodo succulento é, ainda cru, saboroso. O seu fruto, coco do tamanho de uma grande laranja oblonga, tendo quatro amêndoas, é mui apreciado. CM.

⁴⁵ Aguardente de cana. CM.

E logo ao segundo ano emprenham as fêmeas, e os novilhos são de robusta estatura: também as cabras são de grande multiplico, que ordinariamente parem de dous em dous, e as crias medram muito, e já há alguns criadores particulares que têm bastante cópia, para se inçar a terra (ainda que seria grande benefício entrar agora nos princípios mais gado) para em menos anos vermos nesta Conquista a abundância que há de criações por todo o Estado, onde também foram de princípio levadas de carroto, e a terra as abraçou de maneira, que quase não valia a carne dinheiro, e uma vaca em pé, muito formosa, vale hoje no Rio Grande,⁴⁶ dous mil réis, donde em seis dias se vai ao Maranhão, que tem tanto e melhor aparelho que as outras partes do Brasil, por causa das formosas campinas, muitas ervagens e salgados, e excelentes ribeiras de que a terra é enriquecida

Não chegaram lá ainda cavalos, nem ovelhas: os porcos multiplicaram tanto, que já há muitos lavradores que têm cem cabeças, e são muito grandes e de boníssima carne, qual é toda a deste gênero no Brasil, onde é notório, que se dá aos doentes, e para este gado tem a terra grande disposição, pelos muitos e contínuos frutais, que nela há todo o ano, e principalmente, porque nela se dá a junça,⁴⁷ com que nas Ilhas Terceiras os cevam também, e melhor, que nas mesmas Ilhas.

Por cima disso há infinidade de porcos bravos assim dos nossos javalis de Espanha⁴⁸ como de outra casta de cochinos mais pequenos e cabeçudos,⁴⁹ que têm o umbigo nas costas, e andam em grandes magotes, e se matam muito facilmente, de que pela mor parte se sustenta a Conquista; e por uma faca de cabo de pau amarelo (ou por outro semelhante resgate) dá o gentio da aldeia do Monim, um destes porcos, e por toda a terra firme há grande cópia deles.

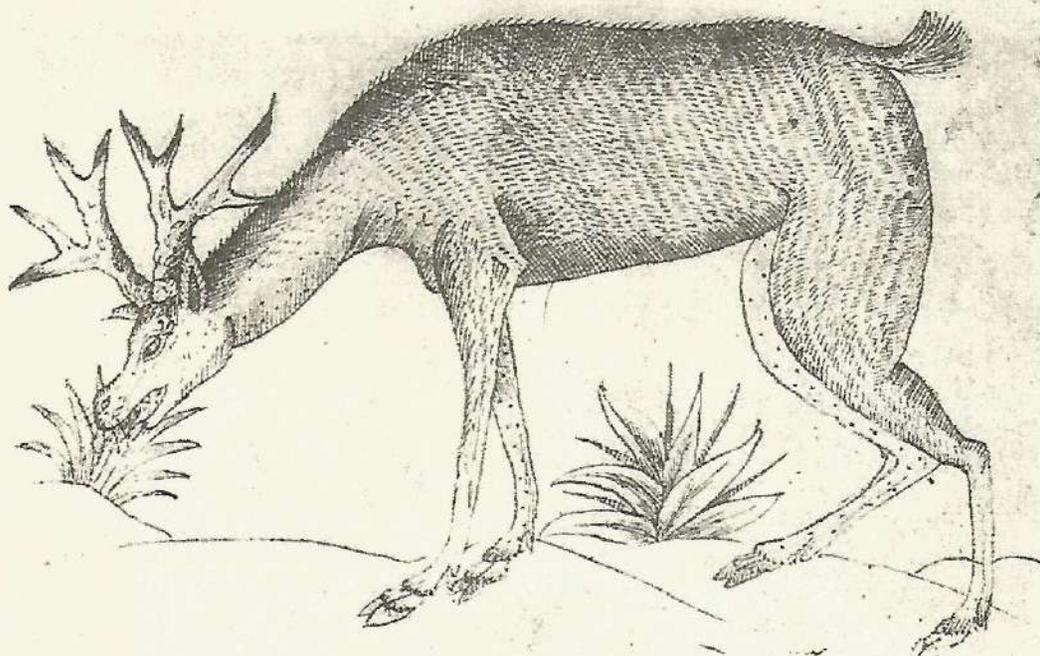
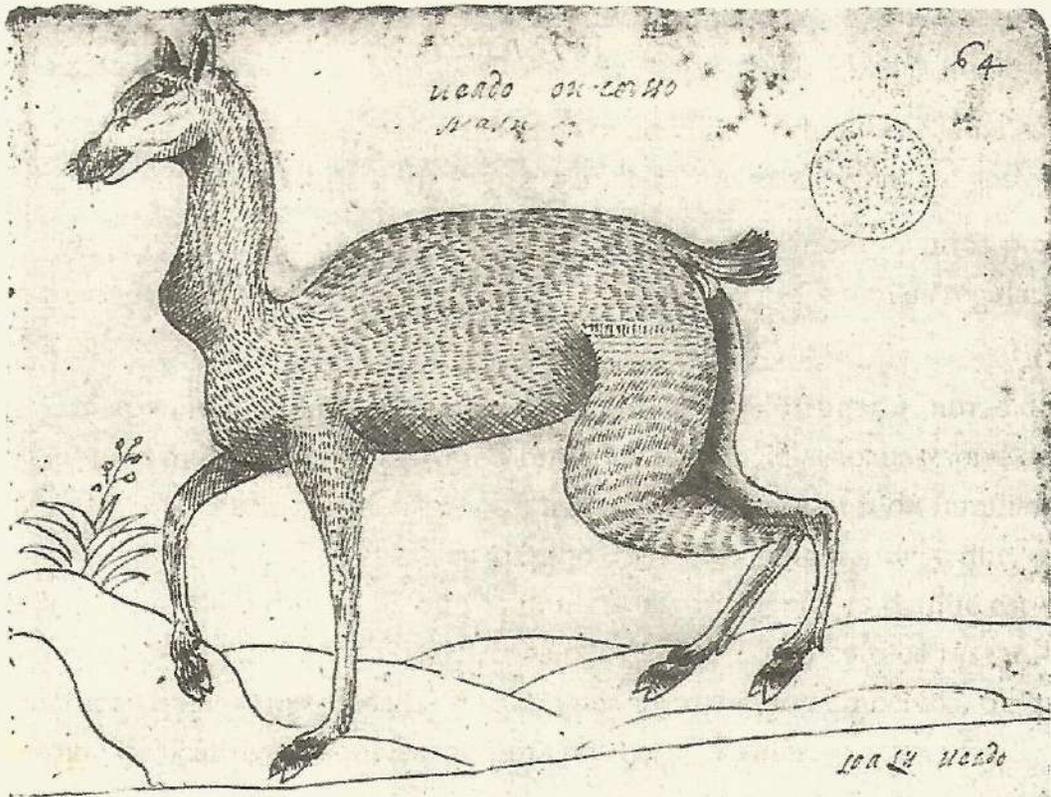


⁴⁶ Rio Grande do Norte. CM.

⁴⁷ Junça é a planta que chamam em outras partes do Brasil coco de capim. CM.

⁴⁸ Caitetus. CM.

⁴⁹ Porcos queixadas, o pecari. CM.



Há veados pela terra dentro, e por aquelas ilhas, há muitas gazelas, que cada dia vêm mortas à cidade.

Há muitas antas verdadeiras, que são como vacas pequenas com o rosto como elas: mas sem cornos, e o beicho debaixo mui comprido, e não saem senão de noite.

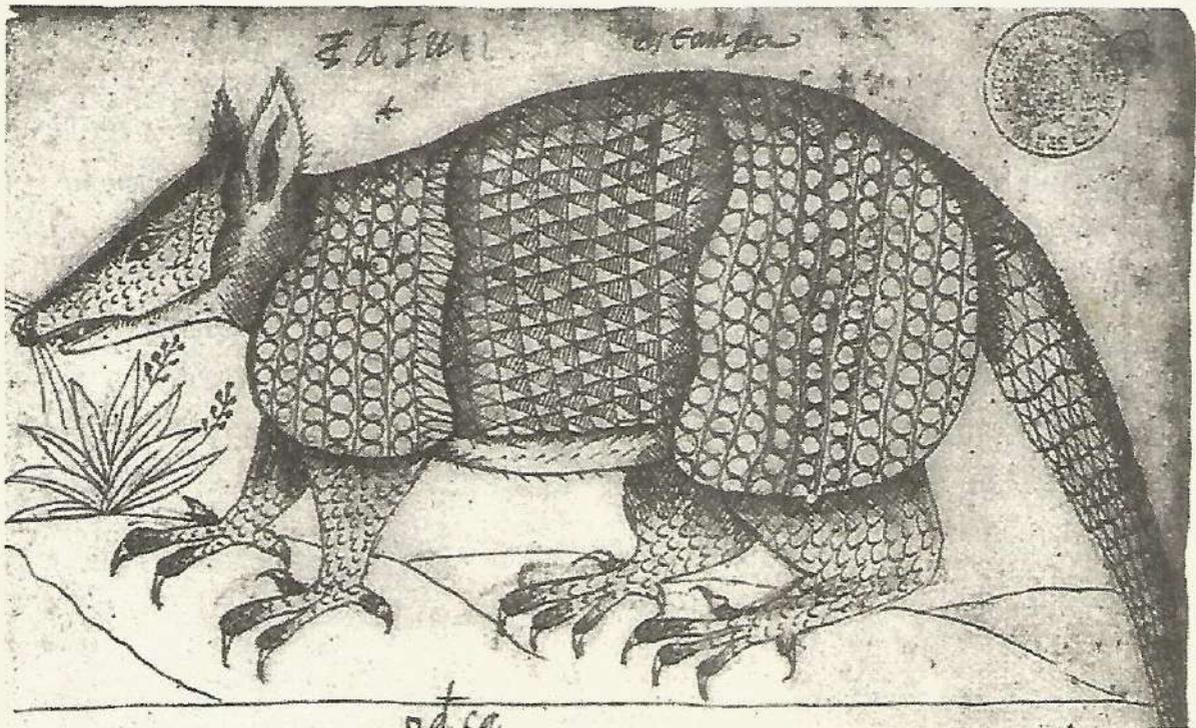
Há muitas pacas, que respondem cá às nossas lebres; mas são muito melhores, porque a sua carne é mais branda, alva e gorda, e têm uns couros como leitão, e são muito carnudas, e gostosas assadas, e cozidas, e de todo o modo: também fogem para a cova, e se acham uma lagoa, quando as perseguem, se salvam nela.

Há cotias que são como os nossos coelhos, e melhores, e com a orelha de gato como a paca.

Há tatus de diversos gêneros, que são armados de conchas como lâminas dum cavalo d'armas, tamanhas como um bom gozo, e também se encovam, e é gostosa carne.

Há jabotis, que são como cágados, mas grandes, e muito ovados por cima: a carne é muito sadia, e o fígado grande em sua quantidade, é o mais regalado comer que a natureza criou.

Há apercas⁵⁰ e coelhos mais pequenos que os de Portugal, e outras diversidades de caças muito extremadas, que a brevidade desta Relação, não sofre descrever; basta que com um índio caçador, que haja numa casa de grande família; tem um açougue contínuo para si e para os vizinhos, e não trato agora mais, que, do que se come, porque além destes, há outros muitos animais, e bichos de que espero fazer larga relação na História do Brasil, mas não se intimidem com os resear,⁵¹ porque lhes afirmo que cá entre nós há bichos mais peçonhentos e nocivos, de que nesta terra hão de ficar livres aqueles, que sua boa sorte lá guiar.



⁵⁰ Apercas, não conhecemos animal algum nosso com este nome; talvez seja erro de imprensa, lendo-se *apercas* em lugar de *apereás*. É o preá ou peria, espécie de coelho. CM.

⁵¹ Resenhar, enumerar. CM.

INABOIC miry

95



A RARUNA

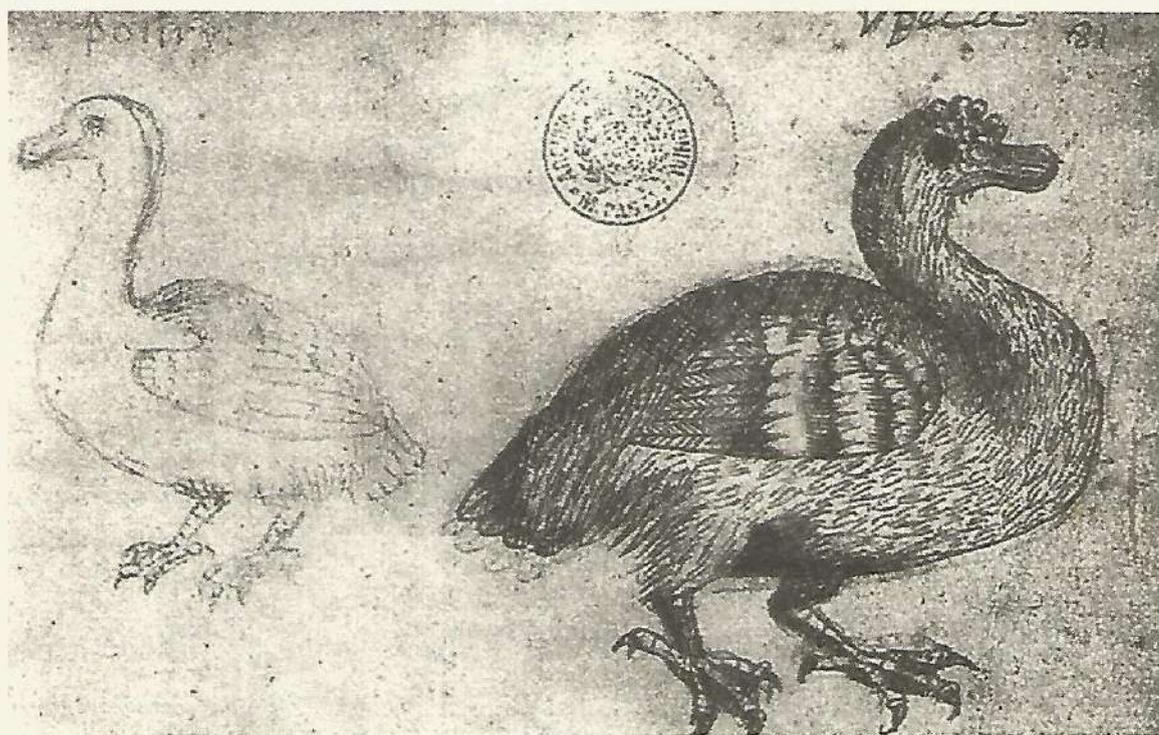
miry

miry



Aves

Há muitas e mui excelentes galinhas caseiras, tamanhas como perus, que multiplicam grandemente, há pombas mansas, muito formosas que ali ficaram dos franceses, que também tinham muita criação de perus, que nesta terra se darão melhor que em nenhuma outra, e patos; porque há muitos bravos, muitas galinholas e marrecas, e outros infinitos pássaros de água, que com um pau se deixam matar, e também se caçam lindamente lançando cabaços nas alagoas (até que avezem a eles) e depois se mete um índio pela água com um cabaço na cabeça, e buracos nos olhos, e chegando a eles mansamente, os vai mergulhando pelas pernas, e debaixo da água lhes torce o pescoço.



Há nambus, como as perdizes de cá.

Os índios tinham entre si, galinhas de criação, mas ratinhas; há muitas emas em bandos pelas campinas, há muitas rolas, muitos mutuns, como perus, com o bico grosso e vermelho, jacus e aracuãs como galinhas, muitos tucanos e monções, como cá os tordos, e além destes, há outros muitos pássaros, uns vermelhos, outros amarelos, papagaios, araras, curicas, garçotas e outros de várias e formosíssimas penas, aletos e garças, e outras mui reais aves de rapina, de que largamente diremos na História

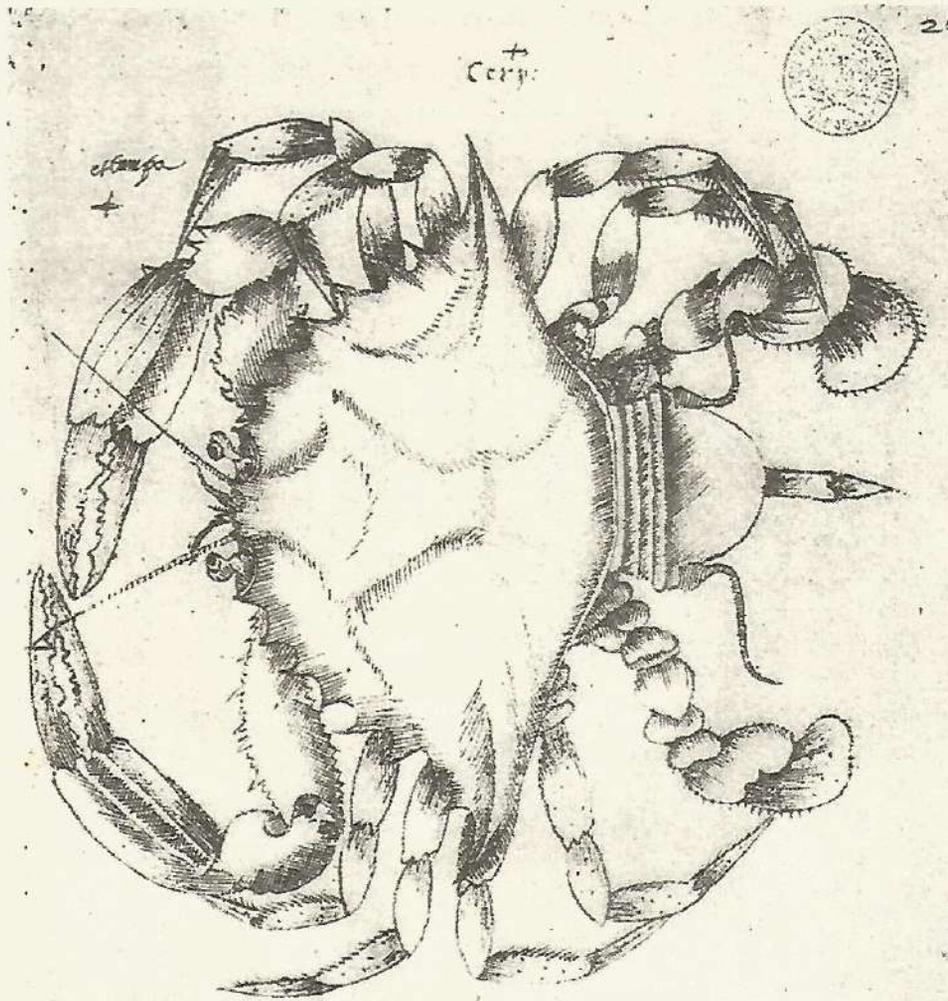


Pescados

Entre todos os pescados, é notável o peixe-boi, porque em taçalhos sem osso, nem espinha, se tiram de um destes peixes, cinco e seis arrobas de carne, que mais o parece que peixe, e o peixe é do feitio de um boi sem pernas, com o rabo redondo como uma botija, de que se tira muito azeite. E este dizem ser o peixe melhor, cujos ossos na Índia retêm o sangue no corpo ferido; quando são da fêmea donzela, cozido com couves parece boa vitela, e como tal faz as sopas, e assado, e em pão, é excelente, e muito mais para estimar salgado para matalotagens, porque toma pouco sal, e é muito gordo e saboroso, e até dos couros se podem fazer muitas cousas de grande préstimo.

Em segundo lugar é excelente cousa o jurará⁵² que assim chamam a uns grandes cágados da água doce, que se comem também por peixe, sendo eles mais carnosos que um porco, e os lombos assados e de vinha d'alhos, são de vantagem, e se faz deles sarapatel bem como torresmos, e muita manteiga, que excede à de vacas: são grandes, há muitos e tomam-se facilmente, e duram em casa sem comer mais de um

⁵² Os jurarás não têm a grandeza que inculca o autor. No Pará chamam-se muçuãs. CM.



Mariscos

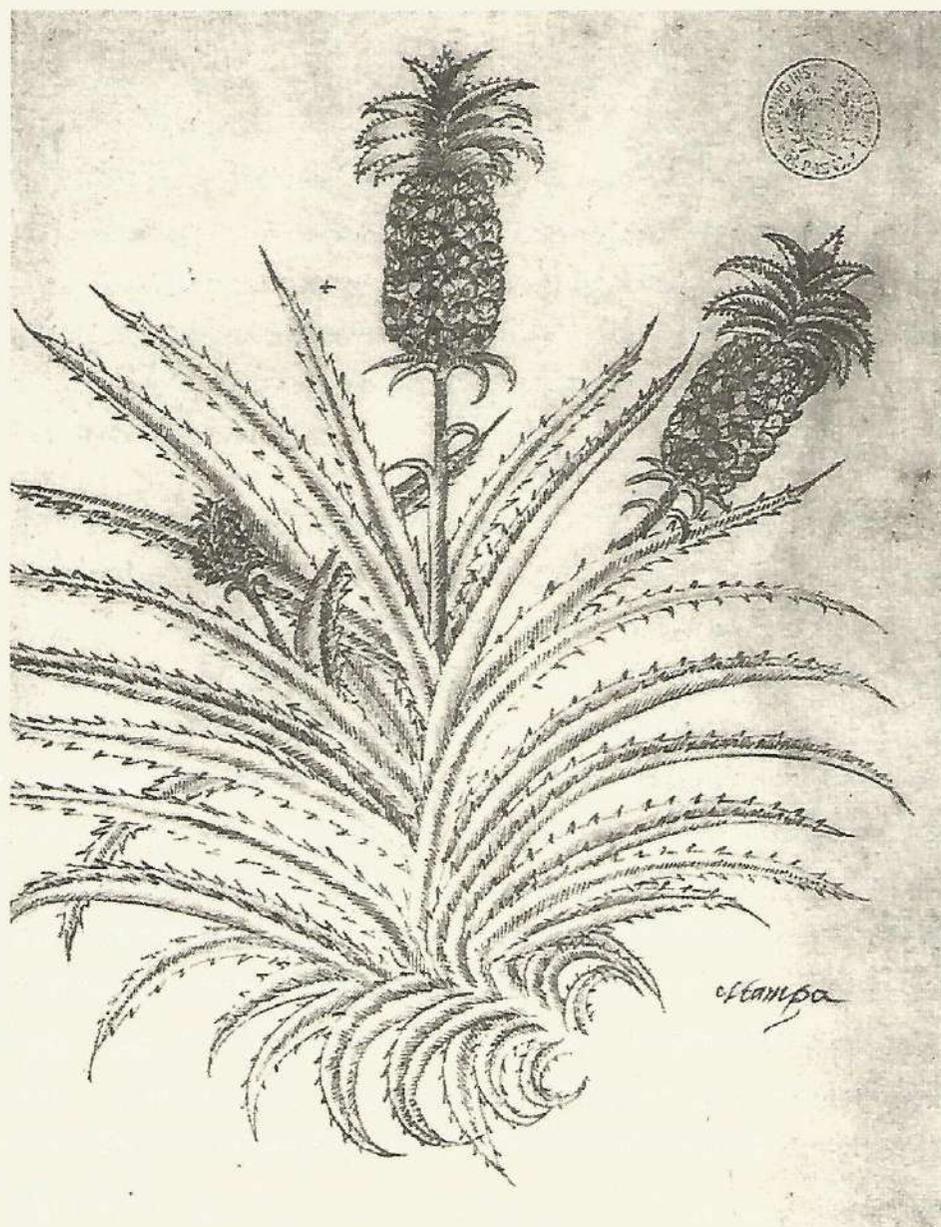
Há muitos caranguejos de diversas sortes, e os da terra são os melhores:stras do lodo e de pedras, grandes camarões: búzios de muitas sortes, mexilhões, berbigões, longueirões, ameijoas, perseves em pedras, e caramujos, pernambins, e no Pará muita quantidade das conchas de madrepérola: em que se acham muitas pérolas, e aljôfares, ouriços e outros muitos mariscos em grande cópia.

Legumes e hortaliças

Há muito e bom arroz, muito milho zaborro e outro branco, muitos feijões, e favas de diversas castas, amendoins muito gostosos para regalo, muitas batatas de cores por dentro e por fora, amarelas, roxas, alaranjadas, brancas e vermelhas, e todas melhores que as das Ilhas Terceiras, e a junça delas se dá com vantagem.

Melhor que as batatas, são as macaxeiras, também raízes mais compridas a modo de mandioca, que assadas e cozidas são muito boas e **sadias**.

Há melões excelentes, pepinos, balancias* e abóboras de diversas castas e bugangos, a que lá chamam jerimuns,⁵⁴ nabos e rabãos, couves, coentros, endros, segurelha, e cebolas se dão também naquela terra



O afamado ananás tem aqui seu lugar, porque nasce em umas ervas como a nossa babosa, do tamanho de um pepino, e do lavor de um pinho verde, e chegando a ser amarelo recende, e é o rei das frutas.

Tudo isto se dá todo o ano, de maneira que se cada mês vão pondo meloeiros em cada lua colhem melões, e já fica dito a fecúndia das canas-de-açúcar, por isso não trato mais delas, que dizer que há já muitas, e que muito cedo há o Maranhão de mandar aqui muitos navios de açúcar.

* Baçancia, forma variante de melancia. JM.

54. Jerimu ou jerimum é a abóbora amarela. CM.

Árvores e frutas

Toda a sorte de árvores de espinho, laranjeiras, cidreiras, limoeiros, zamboas, toranjas e limas, se dão nesta terra extremamente, e também romeiras, parreiras e figueiras, e marmeleiros se dão em todo o Brasil, e já eu deixei algumas nascidas no Maranhão, que devem já dar fruto: porque a terra cria muito depressa as árvores.

Também ficaram nascidos muitos coqueiros de cocos que vieram de Parnambuco, e a terra tem infinidade de palmeiras muito grandes, e de todas as castas, de que se usam dos palmitos, que por regalo, ou para uma necessidade servem.

E leio nas *Histórias das Índias*, que em terras desta altura há oliveiras, e duras nozes, e amoreiras de que lavram muita seda.

Haja curiosos que o procurem, e não sejamos nós para menos, pois Deus nos deu tão boa terra que também nas Índias não havia isto, e de Espanha se levou, e hoje tem lá tudo o que há em Espanha, como refere o dito padre José da Costa no livro quarto de sua *História das Índias*, cap. 31 e 32, que terra que deu a junça e os melões, e tudo o mais que fica dito, com vantagem dos de cá, também dará o de mais se lho levarem a tempo e com modo: sem isto há infinitos frutos naturais da terra como são os cajus, mangabas com sabor de sorvas, mas maiores e melhores. Guayanas,* araçás, cajás, guajarás, pacovas,⁵⁵ e bananas, bacuris, coquinhos de palma, e outros de fazer azeite como os de Guiné; e umas frutas em cachos, como uvas roxas, outras como peras, outras como frutas novas, que chamam tuturubás; as anhas⁵⁶ do Pará (que nascem em umas árvores como castanheiros, e assim encadeiam, mas são três, e quatro tanto maiores) é a fruta mais excelente que há no mundo de seco, porque são muito grandes, muito gostosas, e duram dois e três anos, e há infinitas.

Afirmaram-me que havia as mangas da Índia e os duriões de Malaca, e eu o cri; porque a terra está na mesma altura que Malaca.

Falar nas madeiras e na grandeza, e diversidade das árvores é um infinito.

Basta saber que a terra é toda pela mor parte coberta de tão altos arvoredos que se vão às nuvens, e tão vastos, que não aparece o céu em muitas léguas de terra, e que há madeiros de dez e doze braças de pé em redondo, e destes muitos, e que geralmente são todos tão direitos como círios, e tão grossos no pé como na ponta, e quase todos dão frutos, uns grandes, outros em cachos, outros redondos, outros

* Suponho que *guayanas* esteja por *goiaba*. Na sequência dessa enumeração o Autor flexiona, curiosamente: araçases, cajases, guajarases. JM.

⁵⁵ Pacova e banana importam a mesma fruta. CM.

⁵⁶ Nome indígena da fruta do castanheiro do Amazonas. CM.

quarteados, quais agros, outros doces, uns com casca dura, outros moles com caroços e com pevides, uns que se querem de cama: outros alporcados, outros assados.

Em que tudo se está mostrando a magnificência e maravilhas do Criador.

Entre estas árvores há madeiras de várias cores, brancas, pretas, adamascadas, vermelhas, roxas, rosadas e amarelas: todas estas com cores e lustre de muita perfeição, umas muito duras, outras moles: outras que cheiram a alhos e o fruto tem o mesmo sabor e picante, outras que parecem calambuco⁵⁷ com sua odorífera resina, aqui o pau de rosa, os cedros, os louros, as murtas, os angelins, e outros infinitos de contar: alguns dão tintas, outros dão bálsamos e óleos cheirosos, e almécegas, e tacamaca,⁵⁸ e tacaranha, e outras mil diversidades de cousas em que não há tomar pé, mais que louvar a glória de quem as criou tão belas e formosas, todo o ano verdes, e com folhas e frutos.

Drogas

Tem-se por cousa certa que há minas de ouro e prata, e outros metais nesta terra, e pedras de muito preço, e serras de cristal, e outras de salitre e de sal da terra: também há muitas salinas do mar, há barreiras de excelente barro, de que vale uma telha um real, e pedreiras de jaspe branco, verde e negro, de que eu trouxe as amostras a Sua Majestade, há muito mel e cera por aquelas árvores: muita almécega, e anime⁵⁹ e óleos cheirosos, e se os soubéssemos compor, cuidarei que se poderia fazer beijoim de boninas, que de semelhantes resinas deve ser feito.

Também suspeito que o almíscar que vem da China deve ser composto de alguma parte, ou partes de certos lagartos grandes,⁶⁰ o que há por estes rios, cujas orelhas e mais partes glandulosas mirradas, têm o mesmo cheiro e mais veemente, e dura-lhes sempre.

Não sabemos nós fazê-lo, ou pelo menos contrafazê-lo.

Os mais dos animais do campo nesta terra, têm pedras bezoares⁶¹ no bucho, como em Índias.

Há muito algodão, muito tabaco excelente, canafístulas bravas, salsaparrilha, a erva de que se faz o anil em Índias, pita muito rica, gengivre, pimenta em grande quantidade, pau de sassafrás.

57 Calambuco, madeira odorífera da Ásia, do gênero aloés, de qualidade inferior ao calambá. CM.

58 Resina asiática odorífera. CM.

59 Resina aromática medicinal da Índia. CM.

60 Jacaré. CM.

61 Concreção calcúlosa que se cria no estômago, intestinos e bexiga dos animais, a que outrora se atribuía grandes virtudes medicinais. CM.

Pelo de Gonçalo Pizarro me consta, que há canela da mesma que em Ceilão, alguns brancos que entraram na terra, dizem que há cravo como o de Ternate, em grandes matas, e o clima é aparelhado para se crer tudo dele, que enfim é Peru Oriental e está na mesma altura que as Ilhas do Cravo, e se pode cuidar da bondade de tal terra que dará quanto lhe lançarem, até açafraão.

Pode-se fazer azeite das palmas de Guiné, que as há em quantidade, e o dos rabos do peixe-boi é muito sofrível, e a manteiga dos jurarás excede a todas, e para as candeias há muita cera e muito óleo de copaíba, que alumia melhor que o de oliva, e é cheiroso, e dão uma botija por uma faca.

Eu me resolvo, que esta é a melhor terra do mundo, donde os naturais são muito fortes, e vivem muitos anos, e consta-nos, que, do que correram os portugueses, o melhor é o Brasil, e o Maranhão é Brasil melhor, e mais perto de Portugal, que todos os outros portos daquele Estado, em derrota muito fácil à navegação donde se há de ir em vinte dias ordinariamente.

E por ser esta terra tal, a fez Sua Majestade governo separado do Brasil.

E tem mandado que se contratem os provimentos desta Conquista, à qual envia ora dignamente, por primeiro governador, a Francisco Coelho de Carvalho; fidalgo tão qualificado e de tantas partes, e o fez do seu Conselho, e com ele envia outras pessoas de muita importância, com um grande socorro de soldados, armas e pagamentos.

Permita Deus que tudo seja para Seu santo serviço, e de Sua Majestade, e para aumento da Cristandade neste gentio, e aproveitamento dos vassallos deste Reino.

LAUS DEO.

Em agosto do Ano da Graça de 2013,
nesta mui leal e heroica Cidade de São Luís do Maranhão,
na UNIGRAF - Unidade Industrial Gráfica Ltda
(rua Edmundo Calheiros, 699 - bairro São Francisco)
concluiu-se a confecção gráfica da

Relação sumária das cousas do Maranhão

do capitão Simão Estácio da Silveira, intrépido navegador português, legítimo legatário das glórias de seus antepassados compatriotas, os argonautas dos Tempos Modernos, coorganizador e primeiro presidente da Câmara Municipal de São Luís, e que, retornando à Metrópole na qualidade de Procurador da novel Conquista, propagou-lhe as excelências e vantagens superlativas, com o vero entusiasmo de que é exemplo este livro.

“ Eu me resolvo, que
esta é a melhor terra do
mundo, donde os naturais
são muito fortes, e vivem
muitos anos, e consta-nos,
que, do que correram os
portugueses, o melhor
é o Brasil, e o Maranhão
é Brasil melhor ”



Apoio cultural:

